

M. E. P. E. S.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE FORMAÇÃO E REFLEXÃO

O PLANO DE ESTUDO

O método pedagógico das Escolas da
Família Agrícola do Brasil.

Semana de Aprofundamento orientada por
Sra. Magui Charpentier.
De 05 a 09 de junho de 1976.

I N D I C E

APRESENTAÇÃO.....	01
I- JUSTIFICATIVA DO PLANO DE ESTUDO.....	02
II- ESCOLHA DOS TEMAS DE PLANO DE ESTUDO.....	09
III- METODOLOGIA DO PLANO DE ESTUDO.....	16
III.1- Introdução.....	17
III.2- Preparação do P.E. conversa sobre o tema com os alunos.....	18
III.3- Preparação do P.E. - Questionário.....	20
III.4- Registro do Plano de Estudo.....	35
IV- UTILIZAÇÃO DO PLANO DE ESTUDO NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS.....	38
RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	50

leitor	data	
	reti.	entr.
Prova que sabe honrar seus compromissos, devolvendo com pontualidade este livro à Biblioteca do CP- MEPES.		
Pode-se ao leitor zelar pela conservação deste livro.		

A P R E S E N T A Ç Ã O

O Plano de Estudo, assunto escolhido para a Semana de Aprofundamento de 1976, foi sempre considerado o método específico das Escolas da Família Agrícola. Existe, sobre isso, uma boa literatura francesa, italiana, espanhola, argentina, africana. Não existia, porém um estudo e respectivo documento "brasileiro" sobre o Plano de Estudo. Com o presente trabalho pretendemos eliminar a falha.

Trata-se, portanto, de um trabalho nascido da experiência e reflexão dos monitores das EFAs do Brasil orientados pela professora e amiga Magui Charpentier.

O trabalho seguiu as seguintes etapas:

- expressar e classificar as dificuldades encontradas na praxi educativa da alternância;
- situar e justificar o Plano de Estudo dentro da pedagogia da alternância;
- aprender um método de análise das vivências do nosso meio rural para extrair possíveis temas de Planos de Estudo;
- a partir do primeiro ponto, rever a metodologia da aplicação certa do Plano de Estudo;
- encontrar a ligação entre vida e Escola por meio do Plano de Estudo;
- redigir um documento "brasileiro" sobre o Plano de Estudo.

Desta forma, as EFAs do Brasil possuem um instrumento didático adaptado ao seu meio que será um valioso subsídio para a formação de novos monitores e para consulta e aprofundamento dos mais antigos.

O primeiro agradecimento deve ser aos participantes da Semana de Aprofundamento, os Monitores.

Em segundo lugar é preciso agradecer a Magui Charpentier, que soube orientar e coordenar todo o trabalho.

Finalmente é preciso agradecer aos que secretariaram, redigiram e publicaram.

Mais uma vez, esse trabalho é o resultado de uma certa filosofia da Educação que nada mais é que reflexão a partir da experiência.

Vitória, 27 de outubro de 1976.

A Equipe do C.F.R.

JUSTIFICATIVA DO PLANO DE ESTUDO

OBJETIVO: Partir das experiências das EFAs para encontrar o sentido do Plano de Estudo.

CONCLUSÃO DOS TRABALHOS

JUSTIFICATIVA DO PLANO DE ESTUDO

Há diferentes níveis de justificação do Plano de Estudo:

- 1- A partir das experiências das EFAs no mundo;
- 2- A partir da pedagogia da alternância;
- 3- A partir das necessidades dos meios rurais em geral e dos meios rurais marginalizados em particular;
- 4- A partir de uma filosofia da pessoa.

- 1- As experiências do P.E. nos países que adotaram o sistema da alternância.

Histórico:

1.1- Na França: As Maisons Familiaes (EFA) nasceram com o sistema de alternância em 1935. Mas o P.E. não nasceu com a alternância. Primeiramente existia a idéia de fazer os alunos refletirem sobre a realidade, para comparar esta realidade com o que se dizia nos cursos. Simultaneamente se procurou também, através da metodologia da Ação Católica de VER - JULGAR - AGIR, a educação da consciência.

Com o crescimento das EFAs, chegaram os agrônomos e pedagogos. Pensaram em fazer monografias (avô do Plano de Estudo), ou seja, um estudo sobre a realidade como faziam os engenheiros durante os seus estágios, para olhar a propriedade do pai. Mas, olhava-se por "fora" com atitudes de superioridade.

Disto nasceu outra idéia de ficar por dentro da realidade, analisando-a e refletindo-a. Neste momento nasceu o Plano de Estudo por volta de 1955 com a finalidade de o aluno descobrir a sua própria realidade.

Deu resultado no meio da pequena e média propriedade com meeiros, arrendatários, com alunos que tinham em geral o primário. Agora muitos deles têm responsabilidades no meio rural (sindicato, cooperativa, agricultura em grupo, agropecuário, política, etc....).

1.2- Na África: Em 1963, a mesma experiência começa na África - entre pessoas analfabetas, e, se perguntou o que deveria fazer. Isso obrigou a equipe da África a pensar em novos métodos. Estes métodos tinham que:

- procurar o melhoramento da expressão
- levantar grupos submersos na sua realidade de dependência cega à cultura, aos costumes, aos velhos e chefes.

Daí se concebeu o Plano de Estudo como uma tomada de consciência da situação e como um primeiro passo para uma mu-

dança. Então se voltou não só para as técnicas agrícolas como também para os setores políticos, religiosos e sociais.

Exventa-se também o Plano de Estudo oral ou dramatizado para os alunos que não sabem ler e escrever. Além disso o trabalho se fazia com a comunidade (tribo) visto que a família tipo europeu não existia.

- 1.3- Na Argentina: O processo foi semelhante ao da Europa mas adaptando os conteúdos à realidade vivencial do país. A metodologia da Europa caminha bem. Depois de 6 anos os pais e os alunos são os melhores defensores da atividade. (Os monitores têm os mesmos problemas que no MEPES, muitas vezes).

O último êxito está sendo com alunas índias. São duas que frequentam uma EFA. Uma delas é neta de um cacique famoso. No seu primeiro P.E. - A minha família - ela volta para a Escola com um trabalho de 9 folhas de caderno, tinha muito e que dizer, pois a história da tribo era interessante. Terminava o trabalho falando da coragem da sua tribo frente a miséria. Sabendo como é difícil integrar os índios na vida atual, pode-se considerar este trabalho um grande êxito. Esta aluna é a mais dinâmica do seu grupo.

- 1.4- MEPES: Numa visita feita às EFAs de Alfredo Chaves e Olivânia, o casal Charpentier fez a seguinte avaliação:

No conjunto, os temas de P.E. que encontramos nos Cadernos da Propriedade das Escolas de Olivânia e Alfredo Chaves, nos pareceu bem escolhidos na medida em que pudemos compreender, se bem que pouco, a situação da região:

Achamos interessante os temas sobre a "História da Família" e sobre a "Comunidade". E perguntamos se em um país de imigrantes não seria interessante desenvolvê-los - mais para utilizá-los ao máximo na História e na Geografia, tentando fazer nascer a partir do valor (expressão) das famílias, uma altivez de pioneiros.

Os monitores com quem discutimos, nos colocaram um certo número de questões relativos à maneira de proceder:

- Número de Planos de Estudo por ano
- Número de Planos de Estudo sobre o mesmo assunto (tema)
- Extensão do questionário
- Método da apresentação das questões e das respostas dos alunos no Plano de Estudo
- Método das correções, etc...

Para este gênero de questões, não podemos dar respostas, não estando em contato com os alunos? a resposta não poderá ser encontrada senão em uma procura feita pelos próprios monitores: tentativas sobre os diferentes modos de agir de várias pessoas, confronto e análise dos resultados, elaboração de um método. Procedendo de outro modo, não

faremos mais que copiar o método francês que de uma parte esta ainda em situação de busca e de outra parte não conferiria com a realidade brasileira:

Se olharmos agora o espírito que parece distinguir os questionários examinados e as respostas dos alunos, poderemos no conjunto fazer boas críticas. Com efeito, de um modo geral, os alunos narrem a situação vivida na sua família. Não se encontram aparentemente respostas inventadas ou copiadas de livros. Para um mesmo tema, uma mesma escola, as respostas dos alunos são diferentes umas das outras, o que nos permite pensar que a expressão pessoal de cada um é favorecida e desenvolvida pelo monitor. Percebe-se também uma clara progressão na expressão entre o primeiro e o segundo ano. Tudo isso nos parece excelente.

Em 1972, o MEPES fez um estudo muito interessante sobre o melhor e o pior Plano de Estudo em cada EFA.

Em 1976 nos encontramos com muito desânimo. Por sorte existem uns êxitos e também a experiência do CESEDEC em Barra do Mendes em um meio semi-analfabeto e mais pobre que o meio dos agricultores do MEPES. Onde está o problema?

Podemos partir da constatação seguinte:

- Até agora o Plano de Estudo deu resultado em situações muito diferentes (filhos de proprietários, meeiros, arrendatários, com analfabetos, semi-analfabetos e outros).

- Deu mais resultado quando um grupo humano soube adaptar os métodos às suas necessidades.

Vamos dar outros elementos de reflexão.

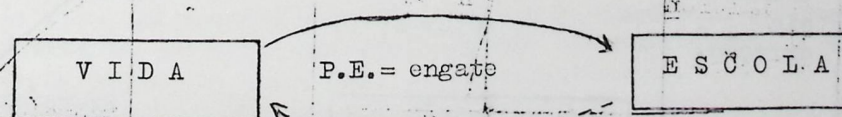
2- A partir da pedagogia da alternância.

O Plano de Estudo tem um lugar privilegiado na aprendizagem pela alternância.

A pedagogia da alternância tem:

- 1º tempo - experiência na vida com um tempo de análise.
- 2º tempo - reflexão na escola

Lembramos a situação do PE numa aprendizagem por alternância



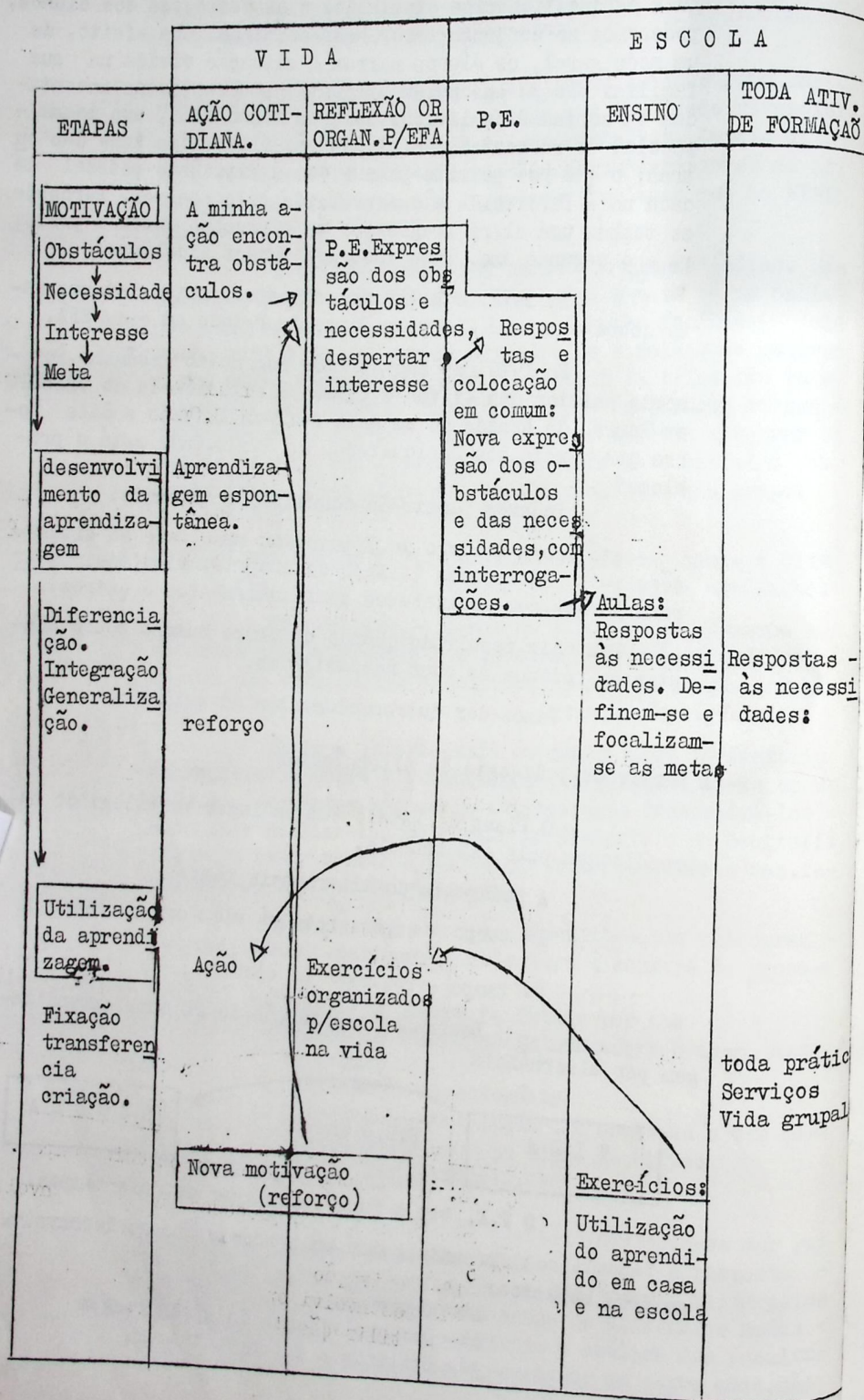
O P.E. tem a função de ligar os dois tempos.

A aprendizagem é um processo que se desenvolve em tres momentos:

- 1º- Motivação
- 2º- Desenvolvimento da aprendizagem
- 3º- Utilização da aprendizagem.

Onde se situa o P.E. dentro deste processo?

APRENDIZAGEM NA ESCOLA-FAMÍLIA



- O P.E. que não serve na vida corta o processo de aprendizagem e desanima os alunos.
- O P.E. não é um tempo para descobrir o que fazer, mas para descobrir o que se está fazendo.
- O P.E. é a primeira tomada de consciência da realidade do próprio aluno.

3- A partir das necessidades do meio rural

Os meios rurais em geral e os meios rurais marginalizados precisam se expressar para tomar consciência.

- O P.E. é um método de descobrimento, de análise e de expressão da minha realidade, feito na minha linguagem e num diálogo com a família e com a comunidade.
- O P.E. não é só para o aluno mas também para o meio. Buscamos a promoção não só do aluno mas, através do aluno, buscamos também a promoção do meio.
- Os monitores estimulam os alunos e os alunos estimulam os pais e a comunidade.
- O P.E. é um processo psico-sociológico para:
 - descobrir e expressar a minha realidade e torná-la interessante;
 - descobrir e expressar a minha realidade tomando distância dela;
 - esta tomada de distância deve ser feita com confiança, com ajuda de uma outra pessoa que dá valor ao que é meu (atitude do monitor).
- Num meio rural, mais ainda num meio rural marginalizado, estas operações se tornam mais difíceis porque encontramos:
 - dificuldade de expressão
 - dificuldade para tomar a distância
 - dificuldade para relatar.
- Temos que lembrar porém que existem muitas maneiras de se expressar. Cabe ao monitor escolher a maneira que mais se adapta aos seus alunos.
- Quando este processo de expressão se realiza o pessoal levanta a cabeça e se torna mais gente. O mesmo processo enriquece as relações humanas.

OBS: Às vezes as pessoas confundem tomada de distância e conscientização. Os dois conceitos não são contraditórios. A tomada de distância é o começo da conscientização.

4- O P.E. corresponde a uma filosofia da pessoa (antropologia).

- Com o P.E. consideramos os alunos e os pais como pessoas livres, conscientes, autônomas e capazes de entrar em relação com os outros.

- A tomada de distância é uma maneira de começar a ser livres, conscientes e autônomos.
- O Plano de Estudo coloca em marcha o processo de formação.

CONCLUSÃO:

Vimos quatro aspectos para justificar o Plano de Estudo. Poderíamos encontrar mais. Porém a verdadeira justificativa é interior a cada um e a sua própria motivação, na sua própria vocação; e a escolha de um tipo de educação que agrada. Cada um tem que encontrá-la.

- II -

ESCOLHA DOS TEMAS DO PLANO DE ESTUDO

A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DO MEIO DOS ALUNOS

OBJETIVO :

Ter um método para escolher temas que estejam de acordo com a realidade dos alunos.

1. Apresentação do tema: Método para analisar a realidade e vivências do meio dos alunos.
2. Proposta de temas de Plano de Estudo.
3. Sugestões para seguir o trabalho.

1- Apresentação do tema: Método para analisar a realidade do meio dos alunos.

1.1- As vivências

A realidade de nossos alunos se apresenta a partir das vivências do meio, das suas condutas e comportamentos.

Vivências são os comportamentos cotidianos habituais dos membros da família e do meio que os cerca. Essas vivências são o resultado do estímulo do meio físico ou do meio social sobre a pessoa; o meio social é portador de imagens enraizadas ou projetadas, de normas e valores.

Podemos precisar a partir de um exemplo:

"Na região de São Mateus, mulheres grávidas não comem carne de vaca, só comem carne franca (de galinha)."

A explicação disso pode ser o fato que talvez houve casos de mulheres que sofreram de brucelose, provocando o parto prematuro. É uma vivência proveniente do estímulo do meio social sobre a família.

Ele, pouco a pouco, fabricou a imagem que, para a saúde da mulher grávida, é boa a carne de galinha. É uma imagem enraizada; passada na tradição se transforma em norma: "A mulher grávida não deve comer carne de boi". A carne de galinha tem valor de salubridade.

Uma imagem não é sempre enraizada. Num bar é costume tomar "vitaminas" e não pedir suco de frutas. Esse nome representa uma imagem projetada, vinda de um meio social que através das revistas, rádio, televisão, se entusiasma por aquilo que tem um caráter "moderno" de tipo científico.

1.2- Análise das condutas

O que sabemos das pessoas e grupos são as condutas. Geralmente ficamos aqui, não buscamos mais profundo. No entanto, as condutas são somente "a casca" das pessoas. Revelam-nas somente como sinal do que acontece dentro.

A estrutura das pessoas se pode analisar assim:

- As condutas são respostas aos estímulos externos. (ver gráfico (1)) Mas, salvo os reflexos (e não todos) estas respostas são elaboradas por um conjunto de pessoas, uma sociedade, utilizando como ferramenta uma linguagem, instrumento de pensamento.

- O primeiro terreno interno das condutas, vamos chamar de "imagens e técnicas". As imagens (ver gráfico, (2)(3)) são a representação estável de que tenho que fazer em determinado caso. Por exemplo, para mim, a conduta "sentar-se" (resposta ao estímulo "cansado") tem por imagem "cadeira". Mas esta

imagem é relativa a minha cultura. Numa outra cultura, será: um banco, um tamborete, uma almofada, etc...

As imagens são primeiramente as que nos chegam do nosso meio mais próximo: a família, a comunidade. Elas se formam desde o início de nossa vida e se impregnam a ela. Estas chamaremos de imagens enraizadas.

Mas o homem é também "ser de projeto": Quer imaginar ou sonhar o seu futuro. Quando ele vive num meio fechado, as "imagens projetadas" que ele constroi não são outras imagens enraizadas melhoradas.

Mas hoje, a televisão, o rádio, o livro, etc... trazem outras imagens projetadas, totalmente diferentes, e muitas vezes opostas às imagens enraizadas.

As técnicas tem uma relação estreita e dialética com as imagens: são o processo de fabricação e de uso do objeto que serve como suporte da imagem. No nosso caso é a fabricação da cadeira, e, também o modo de usar a cadeira, de limpá-la, etc....

- O segundo terreno interno, chamaremos "as normas" (ver gráfico, (4)), se expressam como uma ordem, uma obrigação: "tal coisa se faz assim"; "isso não se faz". Por exemplo, na conduta "sentar-se": Um se senta numa cadeira. Existem normas escritas: a constituição, as leis, etc.... Mas a maioria é oral e até não se expressa numa situação normal: Somente quando existe dúvida ou infração.

Imagens e normas são a ferramenta duma "economia mental", neste sentido que permitem atuar na vida corrente sem refletir. A reflexão pode ser dedicada, então, às atividades mais complexas de crítica, transformação, criação. Mas tal ferramenta é ambigua: Também pode permitir a "não-consciência", raiz de qualquer conservantismo.

- Encontramos, enfim, o terreno das motivações profundas das condutas a que chamaremos "A avaliação". (ver gráfico (5)). Para nós, é o núcleo central, a motivação. Nos conduzimos deste ou daquele modo porque... e aqui se expressa o valor. Nos sentamos numa cadeira "porque faz parte da boa educação". Sentar-se no chão "é sinal de má educação". "Boa educação" expressa o valor de saber e de dignidade. - Praticamente, não existem condutas "não valorizadas", quer dizer, para as quais o homem não dê um sentido de valor. Qualquer conduta é "sinal de um valor".

Agora, podemos dizer: "mas tal conduta é evidentemente não-valor, pode ser efetivamente não valor ou seja - contra-producente para cada pessoa ou toda a sociedade: - buscar um valor não garante encontrá-lo: o ser humano é ambíguo.

Também pode acontecer que nós, a partir de nossa cultura, interpretemos como não-valor uma conduta que não entra no chão da nossa cultura: projetamos sobre outra cul-

2.3- No setor da comida e da saúde

- A alimentação da nossa família (quotidiana)
- Os alimentos que comemos (produzidos na propriedade ou comprados)
- A preparação dos alimentos
- As conservas
- Alimentação, domingos e dias de festa
- Os tabus alimentares
- As doenças e acidentes da família (insistiu sobre as mais importantes, verminose, por exemplo)
- Saúde e doença da mulher grávida e das crianças
- O nosso combate às doenças
- A organização do município para a saúde (E.O)
- As vacinações

2.4- No setor do descanso e das diversões

- Ocupação do tempo livre
- O repouso
- O boteco
- O futebol
- As festas juninas
- Jogos e brinquedos

2.5- No setor Encontros e meios de comunicação

- Os caminhos e estradas
- Os pontos de encontro (igreja, campo de futebol, bar, casa de família, grupo escolar, cursos de formação, ...)
- Utilização da igreja (prédio) pela comunidade
- Desenrolar de um círculo familiar
- Sistema de formação para líderes (pesquisa)
- A escola no meio rural, para nossa família.
- Os meios de comunicação: Rádio e outros.

2.6- No setor religioso

- As práticas religiosas dentro de cada religião (obrigações, ritos, festas específicas, costumes, educação da fé, utilização das estruturas religiosas para "cristianização" e outras formações; Dentro da convivência da família, qual a influência da religião?
- Dentro da vivência da comunidade, qual a influência da religião?
- Dentro do trabalho, qual a influência da religião?
- De que maneira os jovens encaram e vivem a religião em comparação às pessoas mais idosas.

3- Sugestões para seguir o trabalho

A sessão (semana de aprofundamento) é o começo do trabalho. Seria bom que cada escola siga a pesquisa:

- ao nível da análise de vivências
- ao nível de escolha e experimentação dos temas de P.E.

Para o primeiro trabalho, aconselhamos utilizar todas as ocasiões que aparecem para conhecer o meio:

- visitas
- reuniões de pais, da comunidade
- comportamentos dos alunos

Ter na escola um caderno onde se colocam as observações, utilizando o quadro seguinte:

Vivência	Descrição	Imagens	Técnicas	Normas	Valor

Cada vez que um monitor observa uma vivência, anota-a; De vez em quando, fazer uma reflexão em equipe para analisar e interpretar.

- III -

METODOLOGIA DO PLANO DE ESTUDO

- 1- Introdução
- 2- Preparação : Conversa com os alunos
- 3- Preparação: Questionário
- 4- Registro e correção do Plano de Estudo.

III.1- INTRODUÇÃO

Com essa parte entramos nos aspectos metodológicos. Estudaremos apenas:

- a preparação do P.E.: conversa com os alunos questionário
- a correção do P.E. e o registro das respostas.

Para situar esse estudo, vamos recordar as etapas do Plano de Estudo:

<u>ALTERNÂNCIA</u>	<u>ETAPAS</u>	<u>OBJETIVOS</u>
Fim da estadia na E.F.A.	<ul style="list-style-type: none"> - Escolha do assunto do P.E. e busca na vida prática. - Conversa sobre o assunto com os alunos - Elaboração do questionário a ser levado em casa. - Ditando ou entregando o questionário aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> - Adequar o assunto com as etapas da educação do aluno; - Conhecer e entender a vivência do meio ambiente; - Motivar o aluno a falar e pesquisar com os pais - A partir da motivação do aluno, preparar a motivação para os pais e dirigir a pesquisa familiar; - Precisar o trabalho e a metodologia;
Estadia em casa	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do P.E. com a família; - Pesquisa - Elaboração das respostas 	<ul style="list-style-type: none"> - Colocar em comum com a família o que o aluno vai pesquisar. - Recolher dados, fatos, opiniões, apontamentos, etc.... - Reunir os dados da pesquisa
Estadia na E.F.A.	<ul style="list-style-type: none"> - Correção - Colocação em Comum 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a expressão da pesquisa pelo aluno; - Conhecer o resultado da pesquisa dos outros alunos. Relativizar, colocar o próprio caso dentro dos demais;

Continua.....

ALTERNÂNCIA	ETAPAS	OBJETIVOS
Estadia na E.F.A.	- Busca de interrogações	- Colocar e expressar problemas a partir da pesquisa feita na família: Classificação destes problemas.
	- Utilização para a educação.	- Contestar os problemas com as áreas distintas e as atividades da EFA.

III.2. PREPARAÇÃO DO P.E. - CONVERSA SOBRE O TEMA COM OS ALUNOS

1- Os objetivos da conversa

- O aluno se motivar para fazer uma pesquisa sobre a sua própria vida, com os pais ou com a comunidade.
- O tempo de conversa é um tempo de motivação onde o aluno diz o que sabe mas chega a um momento onde não sabe e tem que perguntar para buscar resposta.

2- Psicologia da motivação na conversa

- Como os alunos se motivam sobre a sua própria vida? Temos 3 pontos: O monitor, o aluno e a realidade:
 - 1º)- O monitor como estímulo da motivação;
 - 2º)- O aluno como sujeito da motivação. Depois os pais. Dupla motivação: fazer com que os alunos motivem os pais.
 - 3º)- Realidade-Análise da realidade como meta da motivação.

1º)- Condições do monitor para ser estímulo:

(a motivação não é do monitor: mas é dos alunos).

1ª condição - Conhecer o meio dos alunos. Conhecer com solidariedade e não como um sociólogo. Conhecer porque gostamos deste meio, e gostar até da linguagem. Isto é uma busca permanente na escola.

2ª condição - Appreciar o meio para descobrir os valores que estão atrás das condutas.

2º)- Condições do aluno para ser sujeito:

(seus interesses saem da necessidade).

PROBLEMAS

DO

AMBIENTE

- 1- As necessidades essenciais tem que ser satisfeitas: fome - sono - atividade.
- 2- A necessidade de segurança, que é uma necessidade muito importante a nível do adolescente e a nível do meio rural.

Importância do ambiente educativo na escola, que influência muito na possibilidade do adolescente se expressar.
- 3- Começar a conversa utilizando as vivências - pulsionais do adolescente, utilizando a necessidade do EU individual: o tempo da adolescência é um tempo em que vai sair da sua família. Então o EU vai ser muito importante.

3- Metodologia da conversa

- 1º tempo: incentivação dos alunos
- 2º tempo: busca de pistas de pesquisa

Deve-se procurar uma metodologia adaptada segundo a idade dos alunos. Se uma turma é muito misturada, pode-se fazer grupos diferentes na escola para a conversa. Sendo alunos semi-analfabetos aplicar uma metodologia adequada.

1º)- Com alunos jovens adolescentes

- Monitor propõe falar sobre exemplos vividos (situações ou acontecimentos) ligados ao assunto que ele quer propor.
- Os alunos falam, contam, descrevem.
- O monitor faz perguntas do tipo: Como? Porque? Utilizando as palavras dos alunos. Pode ser utilizado o quadro para anotar as palavras "típicas" dentro do assunto. O monitor pergunta até não ter mais respostas.
- Deve-se organizar os itens vendo todos os aspectos.
- E escolher os aspectos que interessam mais aos alunos para não carregar demais num assunto só.
- O monitor cuida que as perguntas tenham respostas.
- O monitor indica a quem perguntar, onde... (fontes de informação).
- O monitor deve justificar a utilidade da pesquisa fazendo ligação com o trabalho na escola e com a própria vivência dos alunos.

2e)- Com alunos adultos

Rapazes acima de 16 anos têm mais capacidade de análise, síntese e reflexão sobre sua vida. Os monitores devem ter continuidade na conversa com eles para que adquiram mais elementos para fazer a escolha de seus projetos.

Os adultos já tem seus pressupostos na cabeça, então deve partir desses e não do projeto da EFA.

1- Metodologia

- Encontrar um ambiente agradável (sala de aula)
- As cadeiras em círculo para que todos se vejam
- Inicialmente uma colocação de problema
- Individualmente, reflexão sobre o problema (c/anotações).
- Troca de idéias em grupos espontâneos
- Em grupinhos, análise das idéias e síntese
- No grupão, classificação.

- LEMBRETES:
1. Escolha dos itens da pesquisa;
 2. Organização dos assuntos e dos grupos
 3. Debates;
 4. Ver como, onde, quando e a quem perguntar;
 5. Estudo em grupo;
 6. Indicação de bibliografias....

III.3- PREPARAÇÃO DO P.E. - QUESTIONÁRIO1- Fundamentação da metodologia do questionário

Lembramos os objetivos:

- A partir da motivação do aluno preparar a motivação do pai ou da comunidade;
- Dirigir a pesquisa no meio da vida.

1.1. Fundamentação a nível dos pais e da comunidade

Começaremos com um estudo da mentalidade rural:

- As pessoas do meio rural se expressam com uma linguagem sincrética. O seu pensamento é denso, o seu universo vocabular é global, por isso dá impressão de pobreza as pessoas de cultura "letrada".

Transcrevemos aqui um estudo feito por duas monitoras da APEFA no trabalho de especialização (3º ano de formação). É uma tradução livre onde colocamos exemplos brasileiros.

"O homem do campo realiza sozinho a sua atividade diária, com o seu cavalo, os seus bois, a sua máquina, concentrado no seu trabalho; observando a natureza em todas as suas manifestações. Não tem possibilidade de dialogar com os outros, como o homem da cidade. Observa o sol, o céu, as aves, a cor e a forma das nuvens, os distintos aromas da natureza, a direção do vento. Distingue as aves pelos seus gorgeios, suas cores. Sabe quando vai mudar o tempo, quando é tempo do plantio e da colheita. É um observador nato, capta o mundo através da percepção global das coisas. Cada fato que acontece na natureza tem uma mensagem para ele, lhe transmite algo. Não tem necessidade de verbalizá-lo numa oração completa!

Por exemplo diz: "Vai chover." Supõe-se que o outro o compreende perfeitamente, já que a natureza está expressando-o de mil formas: o vento, a umidade, os aromas, as nuvens, o sol... Podemos dizer que a sua linguagem é sincrética. Quando por exemplo expressa: "A vida hoje é mais fácil..." é uma estimativa global de toda uma experiência. Essa expressão contém muitas coisas, está carregada de muitas significações: que apareceu a máquina, simplificando o trabalho, também veículos diminuindo as distâncias, o conforto, tornando mais fácil a vida em casa. Por outra parte, não busca explicações para tudo o que lhe rodeia. Atribui à mecânica natural do universo (comparando com a natureza) cu as forças extra naturais, em manifestações como: "Se Deus quiser chegaremos, colheremos..." (aqui não entramos na fé religiosa) Aceita a perda da colheita por chuva ou seca como manifestação da vontade de Deus.

Para se comunicar com os seus semelhantes, não precisa falar nem escrever bem; o mesmo quando precisa ir à cidade a negócios: Se tem que fazer alguma transação, sempre existe alguma pessoa mais instruída que pode ajudá-lo.

Quando precisa explicar fenômenos ou fatos, situações diversas, o faz através de comparações. Como o seu mundo é muito concreto, não faz abstrações ou generalizações, mas compara, o que lhe permite se explicar totalmente e ser compreendido pelo outro. Aqui temos três provérbios explicando como os filhos são semelhantes aos pais:

- "Filho de peixe, peixinho é".
- "Não nega a raça"
- "O cavaco não cai muito longe do toco".

E outros:

- "Nem tudo que reluz é ouro"
- "Está com a corda no pescoço"
- "Está estudando pra burro"
- "Vou fazer um trabalho de branco"
- "Mulher e cachaça em todo canto se acha"
- "Voce fala bem mas não entoa"
- "As coisas velhas se guardam ainda 7 anos"....

O universo vocabular do homem do meio rural é muito rico quanto a número de palavras que se utiliza para nominar fatos, coisas, objetos... por exemplo, conhece as diversas variedades de ervas que se encontra no campo, as distingue através do que ele

percebe: vantagens ou inconvenientes que tem, o seu odor... conhece as árvores, os insetos, os bichos que moram na mata. Sabe distinguir também os seus costumes, a sua forma de vida, por um semi-número de sinais. Num rebanho de vacas da mesma raça, onde o homem da cidade só reconhece animais, ele identifica cada uma, em todas as suas características: a que dá muito leite, a que teve dois bezerros uma vez, a que não deixa ordenar, a não ser pelo patrão, etc....

Mas o que ele conhece é o que se pode observar, lembrar e comparar. A sua explicação não é do tipo científico, apesar de às vezes coincidir pela profundidade de sua observação.

Assim como conhece cada elemento do seu meio de vida e trabalho, também domina enorme quantidade de palavras que indicam ações. Ao contrário, é muito reduzido quando tem que indicar as qualidades destas coisas ou ações concretas, ou seja, defini-las com palavras que não representam diretamente os objetos de língua, podemos dizer que ele domina muito bem os verbos e os substantivos, mas não do mesmo modo os adjetivos.

O pessoal do meio rural tem muito o que dizer porque vive e observa intensamente. Mas precisa instrumentos, suportes para analisar a sua experiência, expressá-la de um modo analítico, e assim permitir a pessoas de outra cultura entrar no seu mundo mental.

Agora comparamos este estudo com os passos do método:

Chapéu ou motivação - A partir de que se pode motivar o pessoal do meio rural.

- * Uma atividade, um acontecimento
- * Uma informação mais geral (dentro do que ele está implicado).
- * Uma evolução
- * Uma aspiração
- * Uma carência ou uma necessidade

Fato concreto - Para a psicologia do homem do campo tem que ser um fato concreto que a gente vive. Fato bem delimitado no tempo e no espaço.

Descrição
Quem/Quando
Como/Circunstâncias.

Análise

Causas
Razões
Resultados
Consequências
Vantagens
Desvantagens

Com o questionário tem que dar muitas pistas para o aluno desenvolver a sua expressão global. O homem do campo diz as coisas de uma maneira mais rigorosa que o pessoal da cidade se lhes damos pistas para se expressar.

Comparação

No espaço e no tempo;
Descrição
Análise
Resultado

- A comparação é um modo de expressão do homem do campo. (vide os provérbios). Além disso a comparação prepara a generalização.

Reflexão e Idéia geral - Para chegar a tomada de distância e tomada de consciência.

1.2. Fundamentação a nível dos alunos

- Os alunos são do meio rural. Tem a mesma mentalidade dos seus pais.
- Os alunos precisam um guia para pesquisar. Nenhum aluno sabe buscar sozinho.
- Além disso, o método do questionário está muito perto do método de investigação científica e por isso desenvolve a inteligência do jovem que pouco a pouco aprende a pesquisar com rigor.

Motivação

↓
Fato concreto

↓
Análise

↓
Comparação

↓
Reflexão

↓
Idéia geral

Hipótese

↓
Experiência

↓
Análise

↓
Comparação entre Experiências

↓
Interpretação

↓
Generalização (leis, princípios).

Conclusão : Notamos que estes processos, em geral, são diferentes do processo de estudo do ensino que começa sempre com a idéia geral.

2- Críticas de alguns Questionários

Quando São feitos pelos monitores

- São muito técnicos e não ajudam o aluno a se expressar;
- Contém termos desconhecidos;
- São dados sem que o aluno saiba pesquisar;
- São feitos às pressas por falta de tempo ou membros da equipe;
- São generalizados e com partes afirmativas incluídas;
- Abrangem muitas coisas e o aluno fica perdido;
- Se tem uma pergunta com mais questões, respondem só à última;
- As perguntas castram a personalidade do aluno porque o constriem a seguir uma metodologia;

- 24
- A linguagem não é a mesma dos alunos;
 - Em geral o questionário tem como ponto final o pai e não deixa espaço para a comunidade e outras pessoas;
 - Muitas vezes os pais não conhecem a metodologia do P.E. e seu valor.

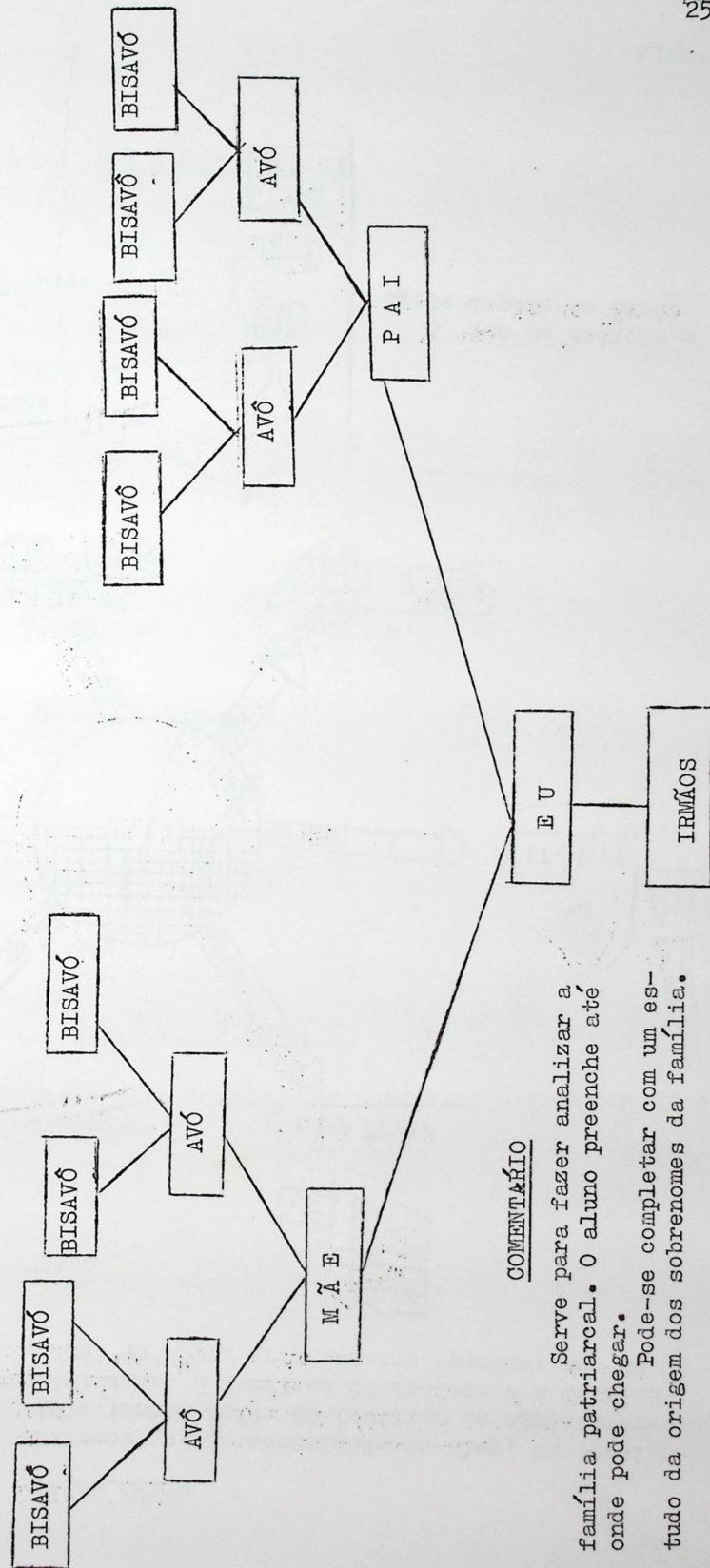
Quando são feitos pelos alunos orientados pelos monitores:

- A linguagem está mais perto deles;
- A orientação e revisão das perguntas ajuda o aluno a passar da síntese à análise dos fatos;
- O aluno sozinho faz perguntas que já tem resposta;
- O aluno percebe as coisas mas não dá explicação e, em geral, coloca o problema em cima do valor transcendental;
- Muitas coisas que ele vive passam despercebidas e a ajuda do monitor é fazê-lo refletir sobre isso;
- Os interesses dos adolescentes são limitados;
- As perguntas devem ser lógicas e com sequência no espaço e no tempo;
- Tem que restringir as perguntas até a área de pensamento do aluno, até ele encontrar a forma de se expressar.

3- Idéias para visualizar situações e vivências do meio

Todas as idéias propostas tem que ser experimentadas nas EFAs e depois melhoradas.

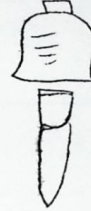


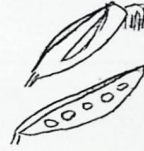



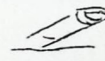
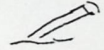
A ARVORE GENEALÓGICA DA MINHA FAMÍLIA



COMENTÁRIO

Serve para fazer analisar a família patriarcal. O aluno preenche até onde pode chegar. Pode-se completar com um esboço da origem dos sobrenomes da família.




LEGENDA

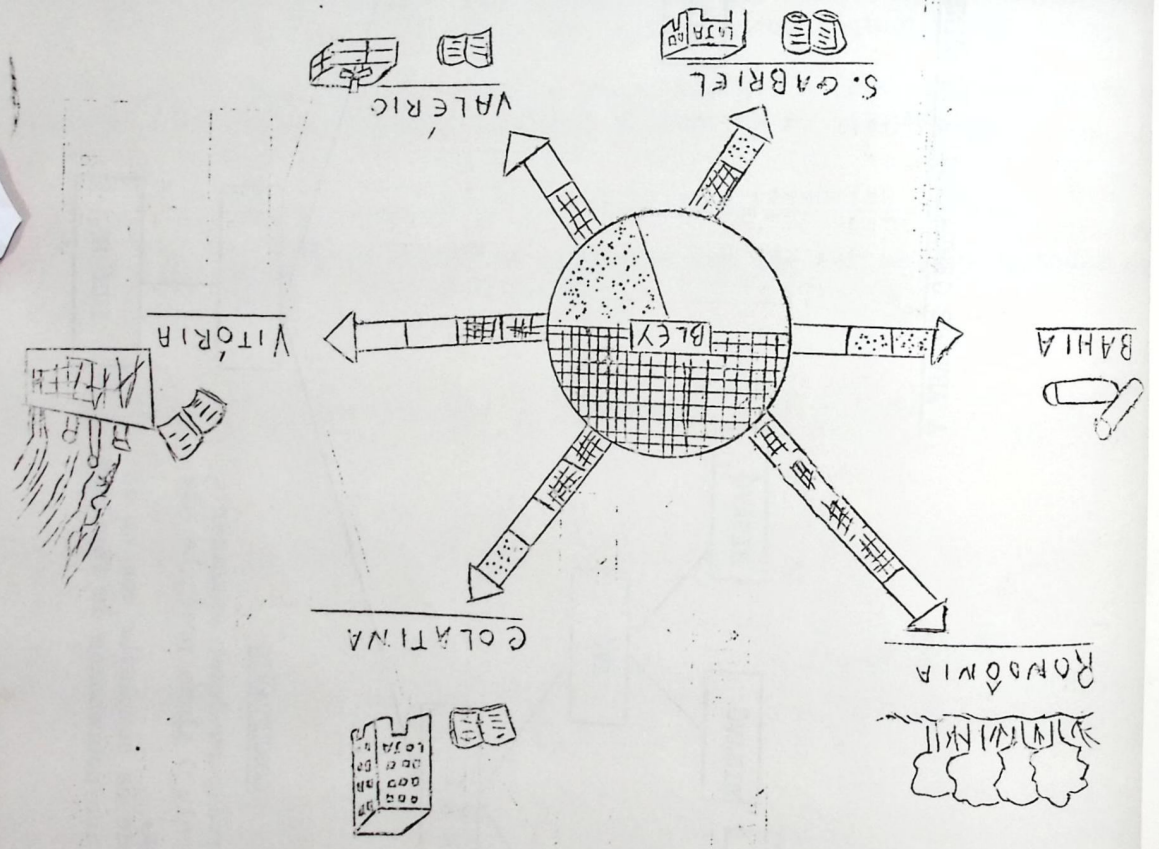
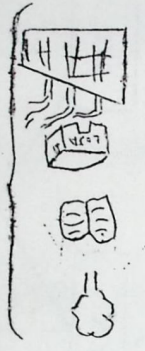
- Colheita do Arroz - 
- Plantio do Arroz - 
- Limpa - 
- Colheita do Milho - 
- Colheita do Feijão - 
- Plantio da Banana (Rizoma) - 
- Plantio do Café - 
- Plantio da Cana - 
- Plantio da Mandioca - 

COMENTÁRIO

Serve para comparar as culturas: o crescimento e trabalho.

A que se dedicam a gente depois do exodo.

- Proprietarios 
- Meeiros 
- Impregados 



Imagine que da comunidade do Bley, de janeiro de 1973 a julho de 1976 tenham saído 20 famílias de agricultores: 6 famílias de proprietários, 6 famílias de meeiros e 4 famílias de empregados. Tudo isso pode ser graficamente representado da seguinte maneira:

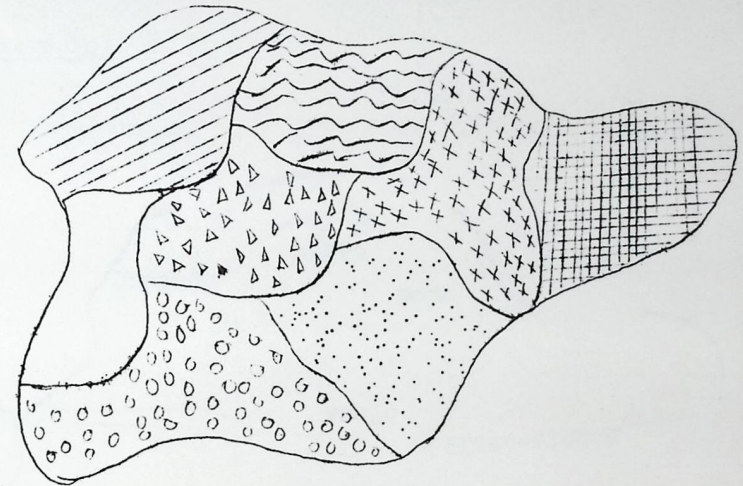
ÉPOCA RURAL

	JANEIRO	FEBREIRO	MARÇO	ABRIL	MAYO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
ALGODÃO												
FEIJÃO												
BANANA												
CAFÉ												
PASTO												
MANDIOCA												
CANA												

	JANEIRO	FEBREIR	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
ARROZ												
MILHO												
FEIJÃO												
MANDIOCA												
CANA												
CAFÉ												
PASTO												

AS CULTURAS DE NOSSA PROPRIEDADE

O aluno pode copiar o mapa da sua propriedade que ele tem em casa, junto com a escritura da terra, e marcar nele as culturas, como no gráfico abaixo.



- Café
- Milho
- Arroz
- Pasto
- Feijão
- Mandioca
- Mata
- Carne

Dois tipos de legendas.

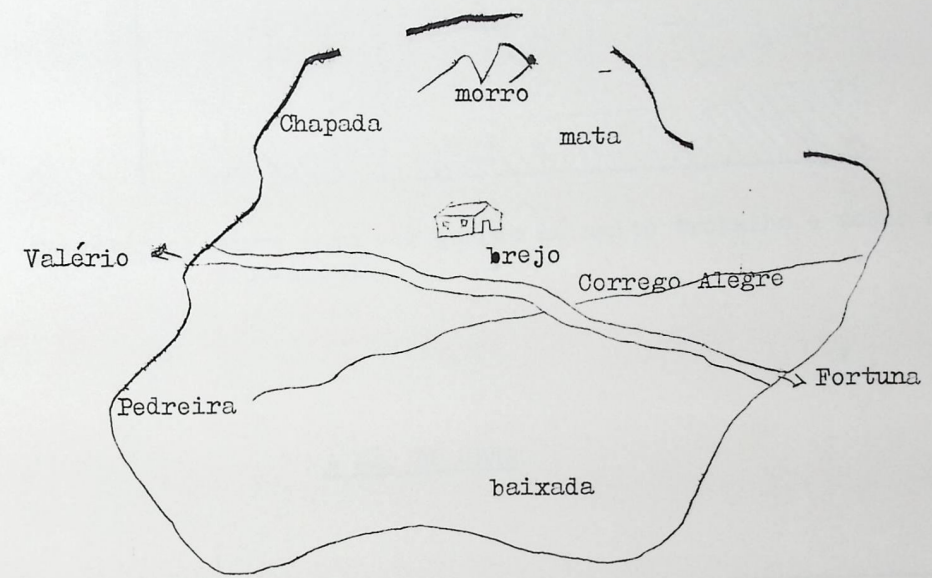
OBS. A legenda fica melhor se as várias culturas são representadas por pequenos desenhos, assim:

- Milho
- Café
- Mandioca
- etc.....

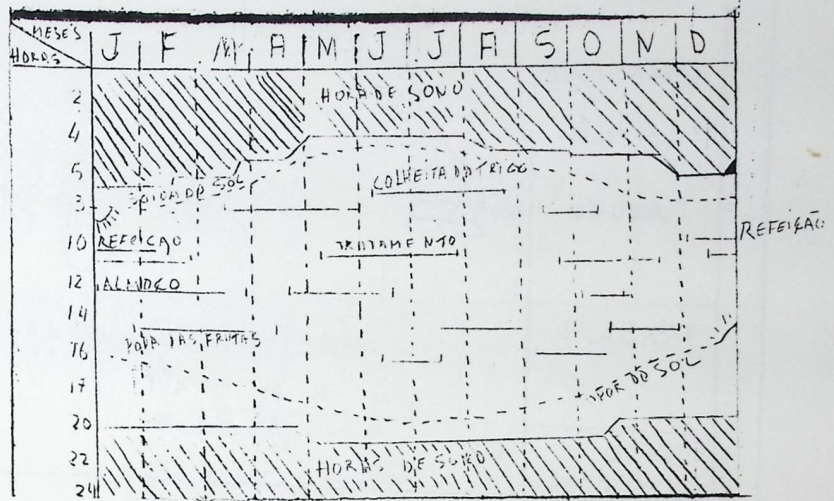
A TOPOGRAFIA DA MINHA PROPRIEDADE

O aluno pode copiar o mapa da sua propriedade e marcar - nele as estradas, os córregos, os morros, as ladeiras, as baixadas, o brejo, a chapada, etc....

Exemplo:

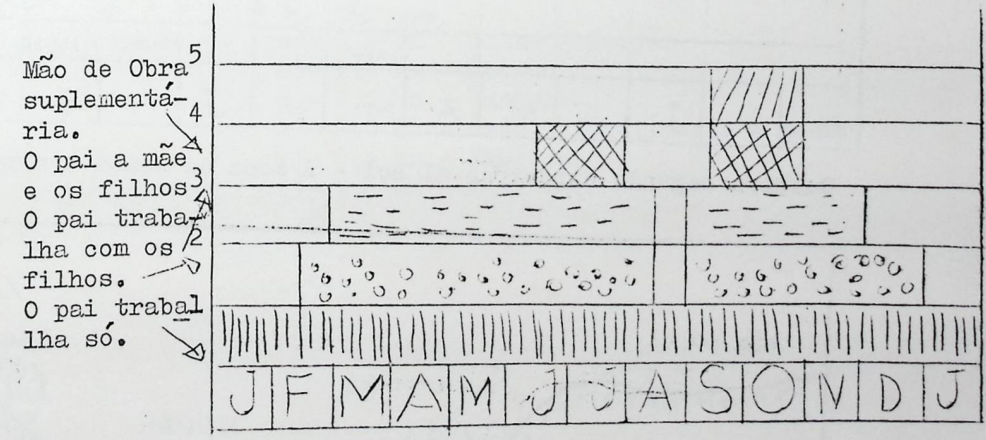


OS TRABALHOS DA MINHA PROPRIEDADE AO LONGO DO ANO



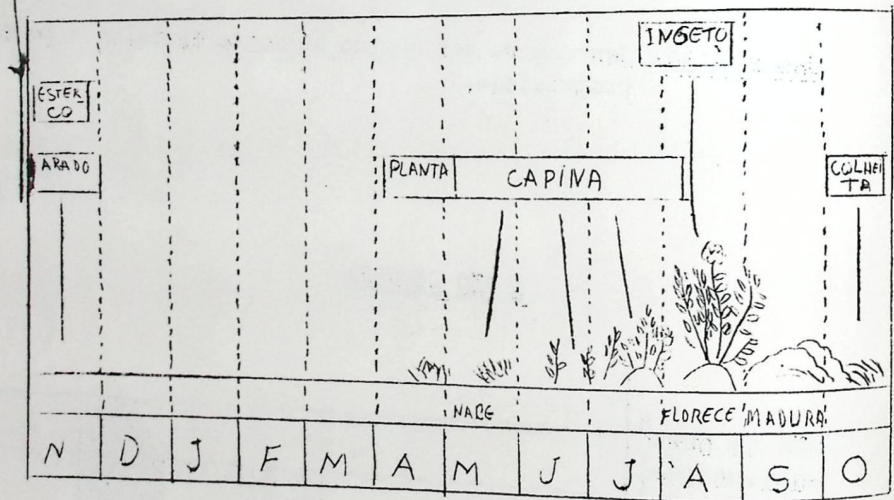
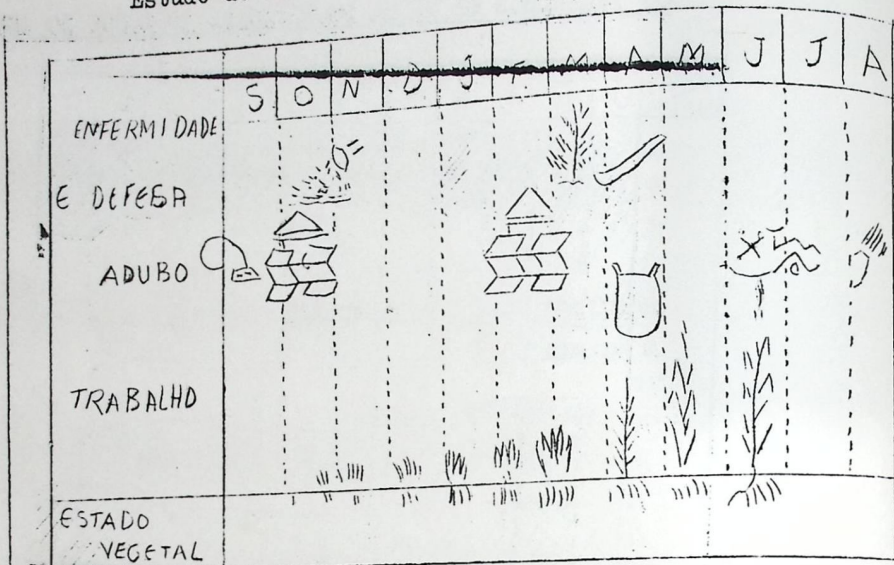
Comentário: Serve para ver quando há muito trabalho e pouco na propriedade.

A MÃO DE OBRA

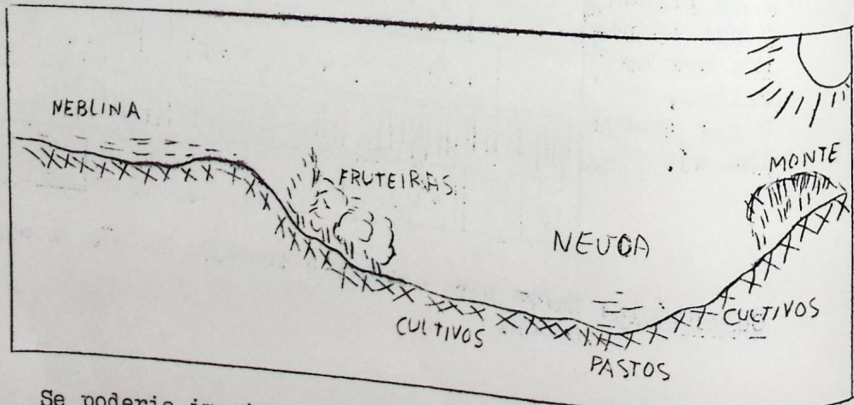


Comentário: Serve para estudar o trabalho da mão de obra durante o ano.

Estudo de um cultivo: as distintas fases

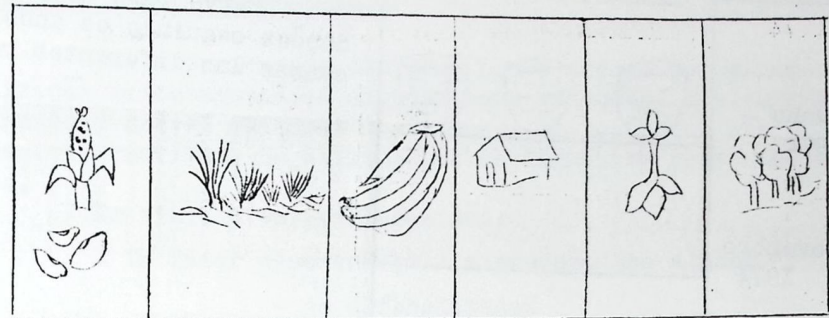


Cultivo segundo exposição al sol - A zona de lamas e montanhas



Se poderia imaginar algo semelhante segundo os ventos

Distribuição das terras da minha propriedade



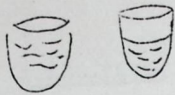

A Propriedade de 7 ha:

CULTURAS

- a)- Milho - Feijão
- b)- Pastos
- c)- Banana
- d)- Casa - quintal - Horta - Pomar.
- e)- Mandioca
- f)- Matas

LEGENDA

- a)- 1,8 ha - milho - feijão
- b)- 1,2 ha - pastos
- c)- 2,0 ha - banana
- d)- 1,0 ha - Casa, quintal, horta e pomar
- e)- 0,4 ha - Mandioca
- f)- 0,6 ha - Mata

Março 1974	
Junho 1974	
Novembro 1974	
Março 1975	
Junho 1975	
Novembro 1975	

Comparação das produções

Serve para comparar as produções seguindo os anos, buscar as causas das diferentes rendas.

Legenda

Março de 1974 - Feijão
 Junho de 1974 - Café
 Novembro 1974 - Feijão
 Março de 1975 - Feijão
 Junho de 1975 - Café
 Novembro 1975 - Feijão

III.4- REGISTRO E CORREÇÃO DO PLANO DE ESTUDO

1- Apresentação dos problemas

Nas experiências das EFAs houve acerto por exemplo na dramatização pelos alunos em algumas boas redações. Mas, em geral, se sofre do desnível cultural dos alunos: as respostas são muito limitadas, mal escritas. Há dificuldade de ligar uma resposta com as outras.

Em síntese, os problemas são:

- De fazer desenvolver a expressão dos alunos
 - os alfabetizados
 - os semi-alfabetos
- De fazer com que o aluno tenha carinho com o seu caderno de propriedade.

2- Desenvolvimento da expressão nas respostas dos alunos

O momento tem que ser bem escolhido e organizado para que cada aluno seja atendido. A equipe de monitores distribui os alunos. Prever trabalho para os que não são atendidos.

Damos algumas sugestões:

- Se os alunos chegam na segunda-feira, uns depois dos outros, pode-se atendê-los à medida que chegam;
- Se chegam todos juntos (de ônibus por exemplo) dar exercícios ao conjunto e chamar depois um cada vez, ou atender rapidamente os alunos com menos problemas, dando-lhes sugestões para continuarem o trabalho sozinhos, enquanto isso ver os alunos que precisam mais de ajuda.
- Já se experimentou com alunos do 2º e 3º ano também a ajuda mútua. Isso dá resultado quando os jovens estão acostumados com o Plano de Estudo e estão bem em Comunicação e Expressão.

O primeiro trabalho do monitor é fazer desenvolver a expressão do jovem. Lembramos que o pensamento do aluno do meio rural é global. Expressa-se com poucas palavras. Se soubermos aproveitar este pensamento é rico. O trabalho do monitor consiste muitas vezes em perguntar: "O que queremos expressar quando dizemos" ao invés de mudar todo o texto, o monitor tomará de novo as perguntas de análise do questionário (quem, como, quando, etc...) deverá explicar de novo quando o aluno não compreendeu. Antes de tudo é importante ganhar a confiança do jovem, senão da próxima vez ele vai reduzir o seu conteúdo para ter menos correções.

O monitor também ajudará a buscar uma unidade a cada parte do texto, agrupar as idéias, evitar repetições. Enfim se tentará melhorar a forma: precisão dos termos, estrutura das frases, ortografia....

Nisso tem que ter uma progressão. Ela estará estabelecida pelo professor de Comunicação e Expressão, segundo o programa que está desenvolvendo. Por exemplo, se a semana passada se trabalhou a

pontuação, se pedirá ao aluno que faça a correção da pontuação no P.E. seguinte. À medida que se adianta o programa se exige mais do aluno. É conveniente fazer uma ficha de acompanhamento dos alunos que serve também na matéria Comunicação e Expressão.

NOME.....					
Alternância.	Tema do P.E.	Pesquisas		Linguagem	
		Observaç.	Melhoramento proposto	Observaç.	Melhoramento proposto.

Assim o aluno pode seguir o seu progress.
O aluno pode ele mesmo preencher a ficha com o monitor.

3- A realização do caderno da propriedade

Mais que um rascunho passado a limpo, é a confecção de um texto próprio, bem apresentado, ilustrado, pelo qual o aluno terá carinho.

O monitor ensinará, como para qualquer trabalho, como colar o título, sub-título,

- sublinhar
- recortar
- adornar
- ilustrar.

Quanto à ilustração deve-se respeitar a personalidade do aluno, mas guiá-la. Com efeito, o adolescente totalmente livre vai ilustrar com qualquer publicação seus sonhos, suas imagens projetadas mais que a sua própria realidade. Por isso o monitor tem que prever no questionário possibilidades de ilustrações.

Ver o trabalho já feito de "Idéias para visualização de vivências e situações de vida" - aproveitando esses trabalhos damos ao aluno oportunidade de ilustrar o seu texto.

4- Problemas dos alunos semi-analfabetos

Com problema de expressão oral e escrita

- Utilizar muito o desenho no questionário com a seguinte precaução:
fazer desenhos grandes, se o aluno desenha, senão fazer recortar, colar, etc.....
- Dar as perguntas de reflexão sobre as ilustrações
- Na volta à escola o aluno expressa oralmente a reflexão e o monitor escreve. O aluno depois copia parte ou tudo, conforme as suas possibilidades. O monitor o ajuda a fazer uma boa apresentação.
- À medida que os alunos vão progredindo, passar do desenho ao texto.

- I V -

UTILIZAÇÃO DO PLANO DE ESTUDO
NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS

OBJETIVO: Estudar como fazer o enlace entre vida-escola e escola-vida.

1- Como transformar a realidade do meio rural patriarcal em processo educativo.

2- Como planejar a formação tendo em conta a realidade

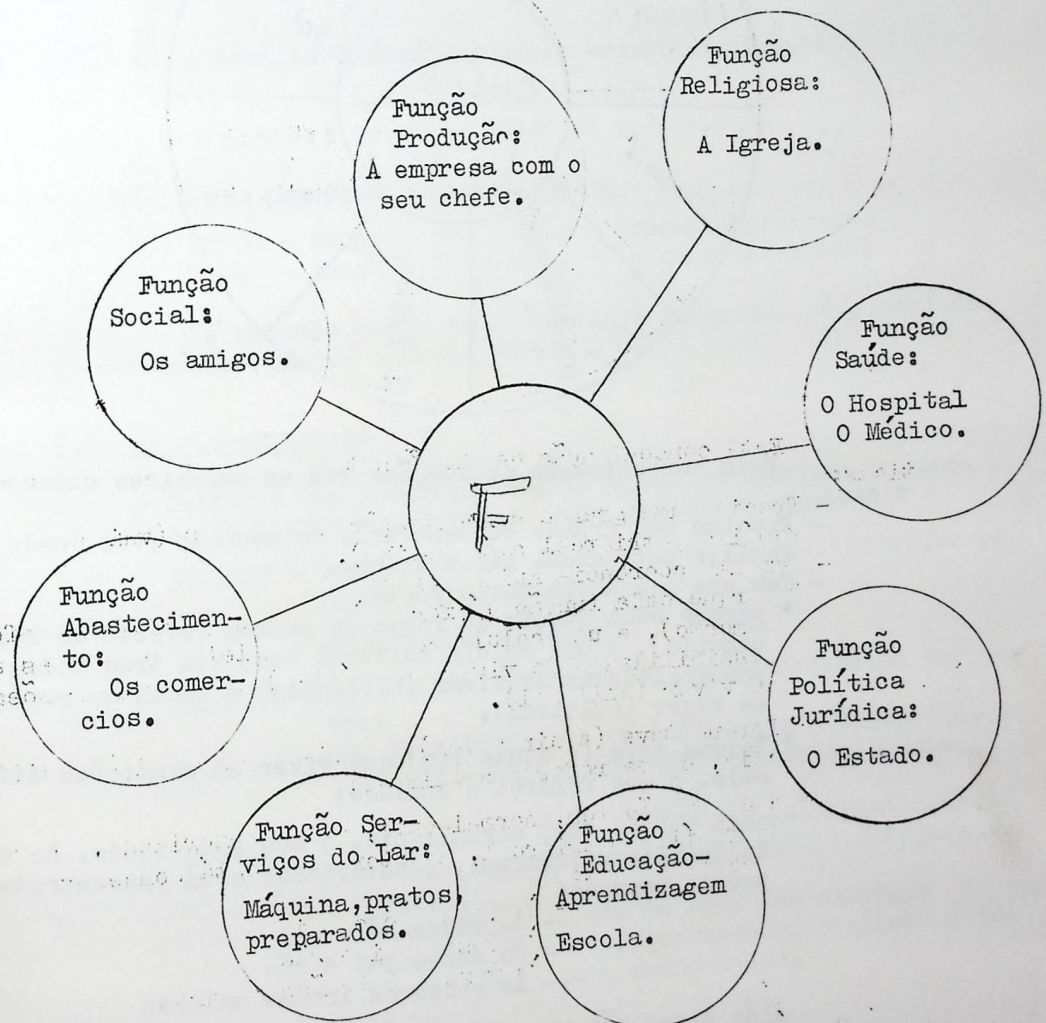
- fontes de vivências
- planejamento anual
- planejamento semanal
- planejamento de uma unidade

1- Como transformar a realidade do meio rural patriarcal em processo educativo.

1.1. A família patriarcal, típica do meio rural

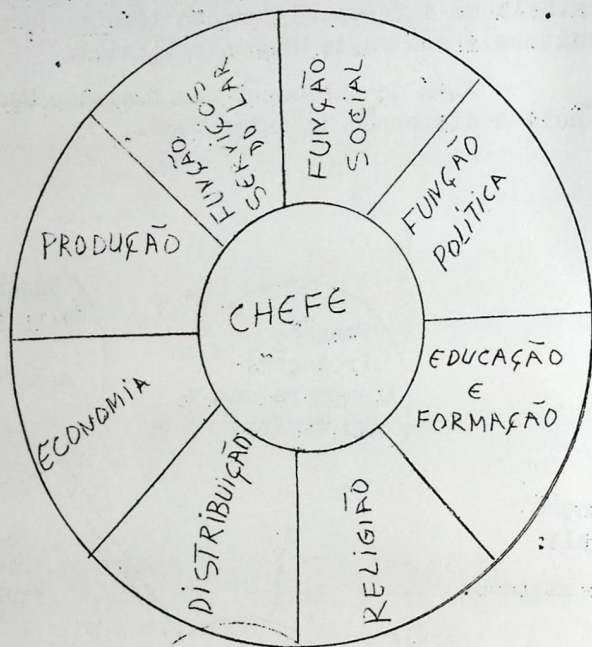
Costumamos tomar como ponto de referência a família urbana. Nela as diferentes funções técnicas, econômicas, sociais, culturais são muito descentralizadas.

Além da dispersão das funções, temos como consequência a dispersão da autoridade.



Tal descentralização pode chegar até a família não ter outra função senão biológica. Neste caso, a célula familiar está perto de sua destruição.

Ao contrário, a família patriarcal, que é pré-urbana e/ou extra-urbana, pelo seu isolamento, tem concentrada em si todas as funções: a empresa, relação social, etc... Como a descentralização urbana, a centralização da família rural tem graus: pode ser total ou somente ter algumas características.



Esta concentração de funções tem as seguintes características:

- Precisa uma grande concentração de pessoas (vai desde a família patriarcal até a tribo).
- Tem uma coerência muito forte:
 - * porque cada função dá força às outras (efeito de reforçamento), e uma célula cultural completa traz todas as possibilidades de viver (biológica) e todas as razões de viver (cultural).
- * Porque teve (e ainda tem) que viver em condições difíceis, o que reforça a unidade;
- * cada função tem, normalmente, a sua autoridade. No caso da família patriarcal, a autoridade está concentrada em poucas pessoas:
 - às vezes só o pai
 - às vezes pai e mãe
 - às vezes os irmãos maiores

Além disso não se pode escapar a esta autoridade. A dependência é muito forte, e mais forte o seu sentimento de dependência.

Do ponto de vista dos valores, cada uma tem os seus valores próprios:

URBANA	PATRIARCAL
<u>Autonomia</u> , independência, liberdade, intimidade.	<u>Unidade</u> , segurança, potência, ordem, independência...
<u>Viver hoje</u>	<u>Transcendência</u>
porque nos sentimos independentes.	Porque nos sentimos dependentes

A família patriarcal viveu harmonicamente até

- a urbanização crescente
- os novos meios de comunicação

Isso tem como consequência:

- ONTEM - imagens projetadas = imagens enraizadas
- HOJE - imagens projetadas = imagens enraizadas

Ja sabemos que a adolescência, a juventude, é o período da automação - Então = êxodo rural.

1.2- As alternativas:

- Deixar a desintegração seguir o seu caminho, mas o custo social, pessoal, econômico, pode ser muito elevado.
- SOCIAL: - destruição da célula básica da sociedade. Que podemos no seu lugar?
 - urbanização desmedida.
- PESSOAL: - uma cultura quebrada, sem ser substituída por outra;
 - uma mentalidade de ressentimento e desapareço, - que desfavorece o desenvolvimento da pessoa.
- ECONÔMICO: - o desgaste duma ferramenta essencial na economia regional, nacional, mundial: o espaço rural;
 - acumulação de mão de obra sem emprego;
 - acumulação de infraestruturas custosas e insuficiência permanente delas.

1.3- Pistas de trabalho para nós:

- A nossa hipótese fundamental: construir uma nova imagem da família = uma nova família.
- repartição das funções entre os membros (responsabilidades);

5- Não atuaremos sozinhos: A EFA sozinha é muito limitada. Temos que ter em conta as outras correntes, no MEPES e fora dele.

2- Como planejar a formação tendo em conta a realidade

2.1- Fontes de vivências

É a vida, o tempo que o jovem passa na sua propriedade, no seu lar, trabalhando com a sua família, fazendo experiências.

Mas estas experiências podem ou não chegar até os monitores. O trabalho deles será então criar canais para que as experiências da vida cheguem até a EFA. Um deles - privilegiado - é o Plano de Estudo. Dele depende a riqueza, a precisão, a amplitude dos fatos. Por isso também a busca tem que abranger todos os aspectos da vida do jovem e da sua comunidade: não somente os técnicos mas também os organizativos, econômicos, de saúde, etc... Não só o que se fez ou o que se faz, mas também as opiniões, os desejos, as aspirações: numa palavra, a vida humana na sua globalidade.

Mas o Plano de Estudo não é a única atividade de busca de vivências. Investigações, levantamentos, observações, Entrevistas, Visitas, podem complementá-lo.

Por exemplo a um P.E. sobre: A minha comunidade, se pode juntar um levantamento sobre a história da Comunidade, o seu funcionamento, setores nos quais a família não está diretamente implicada, mas que fazem parte do seu ambiente.

Essas atividades podem ser organizadas segundo as necessidades pelo monitor que as necessita.

2.2. O planejamento anual na equipe de monitores

No começo do ano escolar, quando os monitores constroem o Plano de Formação de cada grupo de alunos, tem que preocupar-se de articular os temas de aula com os temas de P.E. (pelo menos em grandes linhas).

Primeiro deve-se analisar os temas possíveis e suas grandes linhas de conteúdo, segundo o modo de viver na região. Depois ver que temas de aulas se ligam com eles. Ao mesmo tempo deve-se ter bem presente o programa de cada área, para ver as possíveis mudanças realizáveis sem perturbar a lógica de construção do conhecimento.

Acontece muitas vezes que o monitor faz o contrário: começa pelo programa e termina com os Planos de Estudo. Isso se dá quando ele não domina suficientemente os conhecimentos: não vê bem as suas articulações, tem medo de mudar o programa.

3)- Interrogações durante o curso: Que elementos podem faltar-lhes? Os estudos que se fizeram mostram que se trata de sais minerais.

Esta parte toda é motivadora, porque lembra ao aluno o que ele conhece, mas não pode explicar. A coleta de dados e as interrogações saem da colocação em comum. Como ainda se trata das vivências, esta parte deve ser expressa na linguagem do agricultor e não do monitor. Durante este tempo, ele vai ajudar a classificar, precisar, aprofundar as observações. Depois a aula virá responder às perguntas colocadas:

- que são os sais minerais?
- porque o organismo animal tem necessidade deles?
- onde se encontram?.....

2.4.2.- Também devemos prever a volta à vida

- As atividades de transferência e de criação.

Se o método de alternância é somente fazer expressar as vivências e explicar, a EFA não cumpre com o seu papel - que é: capacitar o jovem para que ele melhore e treans-forme o seu meio. Por isso o aluno deve utilizar o que aprendeu.

As atividades de transferência e criação permitem ao aluno fazer o terceiro passo: sem isto, os dois primeiros deixam a aprendizagem inacabada.

Chamamos transferência o fato de poder aplicar o aprendido em situações diferentes. Por obrigar a encontrar uma situação nova, todo exercício de transferência leva a uma criação.

Podemos encontrar duas circunstâncias diferentes para realizar as atividades de transferência: A EFA e a propriedade.

Na EFA, o monitor guiará, mostrará ao aluno como fazer a transferência. As transferências na EFA são úteis, mas insuficientes, porque são artificiais: o aluno tem que encontrar soluções na vida real, quer dizer então que são indispensáveis transferências e criações na propriedade.

- Na EFA, uma maneira simples de elaborar exercícios de transferência é retomar as experiências das vivências, pedindo aos alunos para aplicar as razões a partir das experiências da aula. Por exemplo:

Sabemos que os animais, especialmente no tempo da seca, quando faltam alimentos, também pedras, paredes, etc. Agora podemos explicar:

- a que se deve este fenômeno
- o que o agricultor pode fazer quando constatata isto.

QUEIMADAS

Quando usamos fazer o preparo do solo através de queimada?
.....
.....

ADUBAÇÃO

Já adubamos algumas vezes com adubo orgânico? Sim Não

Quais culturas?

Quais os adubos orgânicos usados?

Já adubamos algumas vezes com adubo químico? Sim Não

Quais culturas?

Quais os adubos químicos usados?

ARACÃO

Usamos, às vezes, preparar o solo arando o gradando?
Sim Não

Para quais culturas?

COIBATE ÀS PRAGAS E DOENÇAS

Combatemos as pragas e doenças das lavouras? Sim Não
As vezes

Que remédios usamos?

Combatemos as pragas e doenças das criações? Sim Não
As vezes

Quais os remédios usados?

Que remédios usamos quando guardamos os mantimentos no paiol?
.....
.....

10.18 PE: AS SAÍDAS PARA RONDÔNIA

A população vai aumentando, o serviço da roça é duro e a terra dá cada vez menos. Diante desta situação alguns estão achando que os pequenos agricultores não têm mais condições de viver bem ficando por aqui. De fato alguns agricultores estão largando as terras daqui e estão indo em busca de terras novas em Rondônia. Será que isso vai resolver alguma coisa? Será que é uma coisa que vai dar certo?

1. Em nossa comunidade, de quanto tempo para cá se vem falando em ir para Rondônia?
2. Como se espalhou a notícia de terras em Rondônia?
3. Quantas famílias de nossa comunidade saíram para Rondônia nestes últimos anos?
4. O que estas famílias eram aqui, antes de irem para lá?
5. Quais os motivos destas saídas para Rondônia?
6. Que garantias de possuírem terra tiveram aqueles que saíram?
7. Como foram feitas as viagens do pessoal para Rondônia?
8. Por aquilo que ouvimos dizer, como estão se dando as famílias que foram para lá?
9. Das famílias de nossa comunidade que foram para Rondônia, quantas já voltaram?
10. Por quais motivos estas famílias tiveram que voltar?
11. Os que voltaram, o que dizem de lá?
12. Estas famílias que voltaram, como estão aqui, agora?

Trinta ou quarenta anos atrás, muitos dos nossos agricultores de origem italiana e alemã, deixaram o sul, onde moravam, e vieram para cá, para colonizar esta região norte, até então quase despovoada.

13. Que motivos levaram estes agricultores a saírem do sul para o norte?
14. Que semelhanças existem com os motivos que levaram algumas famílias de nossa comunidade a saírem para Rondônia?
15. Os agricultores que do sul vieram para cá, que dificuldades encontraram ao chegarem nesta região?
16. Que dificuldades vão encontrar as famílias que saem de nossa região para Rondônia?

Para os agricultores que vivem por aqui, não faltam os problemas. Mas, apesar de tudo, estas terras já estão abertas, encaaminhadas, tem estradas e tem comércio.

17. Nós, o que achamos daqueles que decidem de largar as terras daqui e ir para Rondônia?
18. Nós pensamos em ficar ou ir para Rondônia? Por que?
19. Se muitos agricultores de nossa região fossem para Rondônia o que poderia acontecer com as terras da nossa região?

10.20 PE: O PREÇO ATUAL DO CAFÉ

Mais uma vez o café é o assunto do momento. Escutando os comentários do pessoal por aí, não há por onde não ficar satisfeitos. Para quem tem café os preços, de tão bons, são quase de assustar! Esta alta merece uma reflexão para descobrir o que está por trás desse fato.

1. Descrever de maneira bastante detalhada o andamento do preço do café nos últimos dois anos, fazendo comparações sobre o preço de um ano para outro e tentando explicar as causas que, a nosso ver, ano após ano, estão provocando esta alta de preço.
2. Descrever o que a alta do preço do café está provocando no preço das outras mercadorias e provar com alguns exemplos aquilo que descrevemos.
3. Descrever o que pode acontecer com a cultura do café na nossa região com a valorização que este produto está tendo no mercado.
4. Dizer como pensamos que será o andamento do preço do café nos próximos anos, motivando a nossa opinião.

10.21 PE: A ERRADICAÇÃO DO CAFÉ EM NOSSA REGIÃO

Para os agricultores daqui o café é a cultura que mais dá lucro. Porém o preço e o mercado do café nem sempre estiveram bons como estão este ano. Anos atrás, por exemplo, foi feita uma campanha de erradicação do café. Esta campanha de erradicação foi um fato que marcou profundamente a vida dos agricultores do Espírito Santo. Teve quem a aceitou e teve também quem a rejeitou. O que aconteceu mesmo por aqui?

1. Dizer em que ÉPOCA foi feita a campanha para a erradicação.
2. Dizer por que MOTIVOS foi feita a campanha de erradicação.
3. Dizer QUEM promoveu a campanha de erradicação e descrever COMO devia ser feita esta erradicação.
4. Quem mandou erradicar, com certeza tinha um PLANO na cabeça, isto é, queria conseguir alguma coisa. Descrever o que se queria conseguir com a erradicação.
5. Nem sempre os planos dão os resultados esperados. Descrever que RESULTADOS deu, de fato, a erradicação, em nossa região.
6. Descrever o que aconteceu com as FAMÍLIAS que erradicaram seus cafezais.

10.19 PE: AS SAÍDAS PARA A CIDADE ou outros lugares

Na semana passada discutimos o problema das famílias de nossa região que saem para Rondônia. Há porém outras famílias de agricultores que saem de nossa região, não à procura de terras melhores, e sim à procura de um novo emprego.

Uma coisa está certa: as pessoas mudam sempre com a esperança de melhorar sua situação de vida. O que não quer dizer que para aqueles que saem seja tudo muito fácil.

Talvez em nossa comunidade não sejam muitas as famílias que saíram para a cidade ou com outros destinos. Em outras regiões do estado e do país a situação é sem dúvida pior. Mas com certeza sabemos de algumas famílias que largaram a roça. Achanos bom que os alunos pensem nisso desde já, porque, quem sabe, daqui a alguns anos eles também terão que decidir se ficar na roça ou sair.

1. Além das famílias que saíram para Rondônia, quantas outras pessoas saíram de nossa comunidade para a cidade ou outros lugares, nestes últimos anos?
2. Para onde foram estas pessoas que saíram?
3. O que estas pessoas eram aqui antes de saírem?
4. Que dificuldades estavam passando aqui?
5. Qual era a intenção delas ao sair do nosso interior?
6. Que tipo de emprego estas pessoas arrumaram?
7. Que vantagens trouxe para elas este novo emprego?
8. Que dificuldades elas estão passando neste novo emprego?
9. Como pensamos que será o futuro delas?

Muita comunidade há famílias que saem e famílias que chegam ou voltam.

10. Nos últimos anos, quantas famílias de agricultores vieram morar em nossa comunidade?
11. De onde vieram?
12. Por que escolheram a nossa comunidade?
13. Fazendo uma comparação entre as famílias que saíram e chegaram, como está a nossa comunidade?

Hoje em dia um grande número de jovens está estudando. E quem estuda muitas vezes sonha de poder arrumar um bom emprego fora da agricultura, uma vez formado.

14. O que acham do serviço da roça os estudantes de nossa comunidade?
15. O que eles pensam em fazer depois de concluírem os estudos?
16. Que dificuldades eles irão encontrar para conseguir aquilo que querem?
17. Nós, como pensamos que será o futuro dos estudantes de hoje?
18. E se todos aqueles que estão estudando saísemos mesmo da agricultura, o que poderia acontecer daqui a alguns anos por aqui?

Ficar ou sair não é só problema dos outros. Talvez já seja um problema da nossa família também. Ou poderá vir a ser um problema daqui a alguns anos.

19. Se nestes dias alguém nos fizesse a proposta de comprar a nossa propriedade em troca de um outro emprego, qual seria a nossa resposta?
20. E quando em nossa família todos terminarem os estudos ou começarem a casar, como vai ser?

10.22 PE: A CRIAÇÃO DE GADO EM NOSSA REGIÃO

Doz anos atrás deu-se por aqui a erradicação do café. Hoje estamos vendo quanto errada foi aquela política. Hoje ganha bem só quem tem café.

Apesar disso muitos dizem que os agricultores daqui, que não são fazendeiros, não podem ir atrás só de café. Na verdade a maioria dos agricultores não deixa de tratar também de outras pequenas lavouras e de algumas criações. Vamos ver, então, que importância tem a criação de gado nesta região, onde a produção principal é o café.

1. A maioria dos agricultores daqui são pequenos proprietários. Dizer quanto gado cria normalmente um pequeno proprietário daqui e a utilização que o gado tem numa pequena propriedade.
2. Descrever as raças mais criadas pelos agricultores daqui e as vantagens e desvantagens que elas apresentam.
3. Descrever a situação das pastagens por aqui, isto é, quais são os lugares escolhidos para o pasto, as variedades de capim plantado, os cuidados tomados com o pasto e as dificuldades que um pequeno agricultor encontra tratando do pasto.
4. Todo ano chega a época da seca. Isto traz dificuldades para a criação de gado. Dizer o que o pequeno agricultor faz com o gado nesta época e dizer se há alguma coisa que ele poderia fazer para se defender melhor da seca.
5. Além da seca, outro problema é dado pelas pragas e doenças do gado. Dizer quais são as pragas e doenças mais comuns e o que fazem os pequenos agricultores para controlá-las.
6. No controle de algumas doenças trabalhava também a GECOPA. Dizer o que ela mandava fazer e o que os agricultores achavam dela.
7. Já uma vez, na época da erradicação do café, se tentou introduzir na região a criação de gado de corte. Não deu certo. Dizer se no futuro, aqui na nossa região, há possibilidade de trocar as lavouras com a criação de gado e dizer o que poderia acontecer se isto se realizasse.

10.23 A ESTRUTURA AGRÁRIA DA NOSSA REGIÃO, isto é, COMO É DISTRIBUÍDA E APROVEITADA A TERRA em nossa região.

Vivemos do que nos dá a terra. Já pensamos bastante sobre a situação dos agricultores daqui. Está na hora de conhecer como é distribuída e aproveitada a terra no Brasil inteiro.

Porém, antes de chegarmos lá, é bom fazermos primeiro uma pequena pesquisa sobre a situação na nossa comunidade e depois uma redação sobre os problemas, dificuldades e vantagens das pequenas propriedades da nossa região, aproveitando, para isso, todo o material que fomos colhendo através dos Planos de Estudo destes anos.

P E S Q U I S A

Comunidade de _____

1. Nº de famílias da comunidade _____
2. Nº de propriedades de 0 a 5 alqueires _____
 Nº de propriedades de 5 a 10 alqueires _____
 Nº de propriedades de 10 a 20 alqueires _____
 Nº de propriedades acima de 20 alqueires _____
3. Nº de propriedades em que vive uma família _____
 Nº de propriedades em que vivem 2 famílias _____
 Nº de propriedades em que vivem 3 famílias _____
 Nº de propriedades em que vivem 4 famílias _____
 Nº de propriedades em que vivem mais de 4 fam. _____
4. Nº de famílias de meeiros _____
 Nº de famílias de contratistas _____
 Nº de empregados _____

R E D A Ç Ã O

1. Falar sobre os PROBLEMAS e as DIFICULDADES dos pequenos proprietários da nossa região, isto é:
 - * Descrever como está indo a produção das várias culturas nestes anos, explicando as causas deste andamento.
 - * Descrever as técnicas empregadas nas propriedades e as dificuldades encontradas para introduzir novas técnicas.
 - * Descrever como é feita a comercialização das produções, o papel dos intermediários e comerciantes e as vantagens que esses comerciantes e intermediários tiram disso.
 - * Descrever quais são as despesas que os pequenos proprietários têm com a propriedade, inclusive os impostos.
2. Falar sobre as VANTAGENS das pequenas propriedades.

10.24 PE: A COOPERATIVA AGRÁRIA DO NOSSO MUNICÍPIO

Quem assistiu ao desfile realizado em São Gabriel no dia 14 de maio deste ano, em ocasião do 13º aniversário deste município, deve estar lembrado das duas mercedes lotadas de café que desfileram pelas ruas e diante do palanque das autoridades. Com este gesto a Cooperativa Agrária dos Agricultores de São Gabriel da Palha quis dizer que ela também contribuiu para o desenvolvimento deste município.

Quando porém perguntamos aos nossos jovens se sabem alguma coisa a respeito desta Cooperativa, muitos admitem candidamente de estar por fora do negócio.

A Cooperativa é uma realização de muitos nossos agricultores. Vamos ver se não é possível conhecê-la um pouco mais.

1. Procuramos saber quando nasceu a Cooperativa do nosso município e quais foram os iniciadores.
2. Procuramos saber qual é o objetivo da Cooperativa e o trabalho que ela, na verdade, faz.
3. Procuramos saber quem pode ser sócio da Cooperativa do nosso município, quantos são os sócios da nossa comunidade e quais são os direitos e os deveres dos associados?
4. Na rua existem muitas casas de comércio que compram e vendem produtos. Vamos dizer quais são, na nossa opinião, as diferenças de uma qualquer outra casa de comércio para a Cooperativa.
5. Procuramos agora descobrir também as vantagens que a Cooperativa oferece aos seus associados.
6. A Cooperativa existe, tá aí. Nem todos porém são sócios. Deve ser que nem todos acreditam nela, isto é, alguns devem ter algumas dúvidas a respeito dela ou estão vendo nela alguns defeitos. Procuramos então saber e relatar as críticas que alguns estão fazendo à Cooperativa pelos defeitos e desvantagens que ela pode realmente ter.

10.25 PE: O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DO NOSSO MUNICÍPIO

O agricultor é um morador do interior, e no interior as distâncias são geralmente grandes. Assim, muitas vezes, o agricultor vive isolado, sem muitas possibilidades de defender seus interesses.

Sempre, porém, houve agricultores que sentiram a necessidade e a urgência de os agricultores se unirem e juntarem seus esforços para melhor defenderem seus interesses.

Que resultados eles conseguiram até hoje com seus esforços? Bem! A Cooperativa está aí e é uma realização bastante nova. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais também está aí. Vamos, então, pensar um pouco neste sindicato.

1. Procuramos saber quando foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do nosso município e vamos contar o que ele conseguiu realizar até hoje em prol dos agricultores.
2. Procuramos saber quantos agricultores da nossa comunidade são associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e vamos descobrir quais são os direitos e deveres dos associados.
3. Vamos dizer qual é o objetivo do sindicato e quais são as vantagens que ele traz para os associados.
4. Nem todos os agricultores acreditam no Sindicato dos trabalhadores rurais. Alguns o criticam. Vamos dizer então quais são os defeitos ou desvantagens que o pessoal da nossa comunidade acha no sindicato dos trabalhadores rurais.
5. O sindicato dos trabalhadores rurais tem sua história, que nem sempre foi fácil. Procuramos saber, então, em que anos ele teve mais dificuldades para continuar realizando seu trabalho em prol dos agricultores e que tipo de dificuldades amargaram, naqueles anos, sua sobrevivência.
6. No nosso município tem o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e tem o Sindicato Patronal. Vamos dizer quais são as diferenças de um para outro.
7. Para concluir, vamos dizer qual é a nossa opinião a respeito do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, isto é, vamos dizer quais são, na nossa opinião, seus pontos positivos e seus pontos negativos.

10.26 PE: A ATUAÇÃO DA EMATER E DO BANCO em nossa região

O agricultor para ir para frente e melhorar precisa de muita boa vontade, de competência e, sobretudo, de toda sua experiência acumulada durante muitos anos de trabalho.

Tudo isso é muito importante, mas hoje o agricultor tem também outras possibilidades e outras ajudas. Tem a Cooperativa, tem o Sindicato, tem a EMATER e tem o BANCO também.

Cada uma destas entidades tem seus defeitos, mas tem coisas boas também. Já falamos sobre a Cooperativa e sobre o Sindicato. Vamos agora pensar um pouco sobre a EMATER e sobre o BANCO.

A ATUAÇÃO DA EMATER

1. Vamos dizer o que sabemos sobre a EMATER, isto é, vamos dizer o que ela é, o que ela já fez e está fazendo para os agricultores e o que os agricultores acham dela.

A ATUAÇÃO DO BANCO

2. Vamos dizer quais são os empréstimos e financiamentos que costumamos fazer ou podemos fazer com o Banco.
3. Vamos dizer quais são as condições para se conseguir estes empréstimos e financiamentos e como são feitos.
4. Vamos dizer quais são as dificuldades para se conseguir os empréstimos e financiamentos do Banco.
5. Para concluir, vamos dizer quais são as vantagens e desvantagens (se houver) que estes financiamentos trazem para nós e para os agricultores em geral.

10.27 Pesquisa: OS DITADOS POPULARES

Para dizer a um sujeito que ele está se metendo na vida dos outros, o nosso povo não precisa de muitas palavras. Para ele basta dizer: "Diz o ditado: Boca fechada não entra mosquito". E quem tem um pouco de cabeça, pode entender.

"Boca fechada não entra mosquito", é um dos muitos ditados populares que expressam a sabedoria do nosso povo. O nosso povo não fala caprichado como falam os livros. Com poucas palavras e palavras bem colocadas, ele diz muita coisa.

Atrás de cada dito tem um significado que só uma pessoa viva pode pegar. Vamos, então, fazer uma pequena pesquisa sobre os ditados e expressões populares, para documentar a sabedoria do nosso povo, antes que se perca.

Para ajudar nesta pesquisa, aqui vão alguns exemplos de ditados e expressões populares.

DITADOS POPULARES:

O seguro morreu de velho
O cavaco nunca cai longe do pau
Macaco velho não põe mão em cambuca
É apanhando que se aprende
Antes pingar do que secar
O apressado come quente e passa mal

OUTRAS EXPRESSÕES POPULARES:

O velho bateu o vento um
Velho igual ao vento sul
Estar de ferradura nova
Nem vem que não tem
Quando a galinha criar dentes
Aonde o diabo perdeu as botas

11. AS SÍNTESES

11.1 INTRODUÇÃO

Cheganos, enfim, ao momento de apresentar as sínteses.

A idéia de elaborar uma síntese nasceu depois da semana de aprofundamento de 1976. Até então, nada ficava de escrito para os alunos de tudo aquilo que se discutia durante a colocação em comum na segunda feira. E acontece que, às vezes, as discussões eram até bastante interessantes.

Durante a semana de aprofundamento de 1976 fomos despertados sobre a necessidade de que, pelo menos alguma coisa da colocação em comum ficasse gravada por escrito no caderno dos alunos. Pensamos então na elaboração de uma síntese em que aparecessem as questões mais debatidas durante a colocação em comum. Decidimos que, por enquanto, a elaboração desta síntese ficasse a cargo dos monitores e não dos alunos, pelos seguintes motivos:

* os nossos alunos já gastam bastante tempo na sua redação semanal do PE e não o fazem com excessivo entusiasmo. Poder uma outra redação, nem que fosse elaborada em grupinhos, talvez fosse demais;

* além do mais, os nossos alunos estão num curso supletivo a nível de ginásio. Muitos deles já ficaram vários anos fora da escola e apresentam bastante dificuldade em sua expressão escrita e oral. Alguns nem têm o primário completo. Se os nossos alunos já tivessem o ginásio completo, a coisa seria diferente: já teriam um certo domínio da língua (pelo menos deveriam ter!). Não excluimos que, em seguida, a elaboração da síntese possa ser assumida pelos próprios alunos, bem orientados por um monitor.

As finalidades da síntese são:

a - Não perder a riqueza de muitas colocações em comum. Cada aluno fica, assim, não só com os resultados de sua pesquisa mas também com os resultados da pesquisa do grupo.

b - Valorizar a pesquisa dos alunos e estimular ulteriores pesquisas. Os alunos gostam de encontrar nestas sínteses as coisas por eles pesquisadas ou faladas. Isto transmite a eles uma certa animação.

c - Destacar as questões mais debatidas e os problemas que surgiram na colocação em comum. Alguns terão resposta com as aulas da semana, outros serão retomados mais vezes durante os 3 anos de curso e outros são problemas que não podem ter resposta tão imediata. Cada um resolvê-los-á à sua maneira durante a sua vida.

d - Devolver aos pais os resultados da pesquisa e favorecer a continuação da conversa entre pais e filhos.

A síntese não é uma segunda redação do PE em que se dá resposta a todas as questões levantadas. Não é uma sequência de afirmações esclarecedoras. Junto com afirmações temos também muitas interrogações, dúvidas, pontos que ficaram obscuros para os alunos e para os monitores. A síntese procura ser fiel à

discussão feita. Muitas das coisas escritas nas sínteses podem estar erradas ou podem ser discutidas. Estão aí para isso. Não nos interessava chegar sempre à verdade, a qualquer preço, mesmo se nunca deixamos de procurá-la. Mais do que a verdade nos interessava o processo de busca da verdade, o processo através do qual cada um, com a ajuda dos outros, poderá procurar a verdade. Aquilo que está anotado nas sínteses reflete o caminho percorrido por nós.

11.2 A HISTÓRIA DA NOSSA FAMÍLIA

11.2.1 Introdução:

O PE sobre História da Família é o 1º PE do 1º Ano. Mas a reflexão sobre o assunto não se esgota no início do 1º Ano e nem no decorrer do 1º Ano. A história da família é como um pano de fundo que acompanha o estudo nos 3 anos e que, vez ou outra, volta a ter um destaque particular.

a - No 1º ano reflete-se sobre a história da família estudando a história da imigração italiana e alemã no Espírito Santo. Volta-se a mexer com ela com os PEs sobre remédios populares e mancinhas tradicionais de combate às doenças.

b - No 2º ano temos os PEs sobre clima, pragas, enfraquecimento das terras, desmatamento e caça. Para bem entender o porque da diminuição das chuvas, do aumento dos insetos, do enfraquecimento das terras, é necessário relembra o processo de exploração das terras usado pelos imigrantes. Volta-se assim a mexer com a história da família e o monitor de Estudos Sociais dá aula sobre a Imigração Européia no Brasil, mostrando em que o processo de exploração das terras e as técnicas agrícolas ficaram como na época da escravidão e em que mudaram. (cf. Caio Prado Junior: História Econômica do Brasil - págs.183-191). Fazendo a comparação com a época da escravidão ele terá também possibilidade de falar de racismo que ainda marca o relacionamento entre descendentes dos imigrantes e descendentes dos escravos. Ainda no 2º ano, retoma-se a história da família quando se fala do êxodo rural para Rondônia. É uma ocasião para mostrar como as famílias têm a tendência de passar de um lugar para outro, deixando terras boas: da Europa para o Brasil, do Sul para o Norte do estado, do Norte do estado para Rondônia. Naturalmente tem que se pensar nas causas e nas consequências.

c - No 3º ano, enfim, a história da família está presente quando se vai falar da estrutura agrária, com a intenção de fazer uma comparação entre a estrutura agrária nas regiões de colonização européia e nas outras regiões do Brasil. O monitor de Estudos Sociais, então, retomando mais uma vez a história da colonização, destacará a estrutura agrária a que esta deu origem e a confrontará com a estrutura agrária que se originou com as sesmarias. (cf. Caio Prado Junior: História Econômica do Brasil - págs.248-256 e Celso Furtado: Análise do Modelo Brasileiro - págs. 89-122).

11.2.2 A Síntese

A síntese da História da Família que apresentamos a seguir, não foi preparada para ser entregue aos alunos, e sim para ser apresentada aos pais na reunião de agosto de 1976. Não se limita aos fatos e problemas levantados pelo PE do 1º ano. É um apinhado de todos os debates que este PE possibilitou com as 3 turmas, durante os 3 anos. Aqui vai, portanto, esta 1ª síntese.

O PE sobre a História da Família é o 1º PE que os alunos fazem logo no início do 1º ano, mas oferece material para trabalhos e discussões durante os 3 anos. Ele nos permite:

a - Conhecer a história, as lutas e as realizações do povo da região. O povo quando chegou por estas bandas, não tinha muitos recursos. Mesmo assim entrou por estas matas, enfrentou a natureza ainda selvagem, quase só com machado, facão e enxada e realizou tudo aquilo que estamos vendo.

A maioria do povo daqui veio do Sul do estado; uns 30 anos atrás, quando no Sul a terra começou a ser pouca, fraca e cara, ao passo que por aqui a terra era muita, boa e barata.

Mas, olhando a história da maioria do povo daqui, descobrimos que os antigos vieram de bem mais longe: da Alemanha, da Itália, da Polônia, enfim, da Europa. Saíram de seus países, onde viviam apertados, e chegaram ao Brasil procurando um pedaço de terra para realizar seu sonho de ter uma vida um pouco melhor.

Começaram colonizando o sul do estado, mas quando lá a situação se tornou difícil, saíram à procura de terras novas e baratas aqui no norte. E, hoje em dia, a situação daqui, para alguns, começa a ser parecida com a situação que tinha no sul, isto é, as terras começam a ficar velhas, caras e poucas. A solução para alguns é aquela de sempre: sair à procura de terras melhores e mais baratas, desta vez em Rondônia.

Parece que a história do nosso povo sempre foi assim e continuará sendo assim: passar de um lugar para outro, caçando as terras melhores e começando sempre tudo do início. Será que isso não terá fim? Deste jeito, que possibilidade tem a agricultura de progredir, de melhorar? Não há o perigo de ir estragando terras? Como sair desta situação?

b - Compreender o relacionamento existente entre as diferentes origens. A maioria das famílias daqui são de origem Alemã, Italiana e Polonesa. Mas tem também famílias de origem portuguesa e tem os negros e pretos. Como se relacionam entre si estas origens diferentes?

A língua, as grandes distâncias e os costumes diferentes, no início dificultaram um pouco o entrosamento. Com o tempo estas dificuldades caíram e estão caindo. E, hoje em dia, a situação como está?

Sobrou, ao nosso ver, um pouco de "racismo" que se manifesta, por exemplo, nas expressões "serviço de preto" e outras piores, ou em piadas em que o bobo é sempre "o português".

Parece que o relacionamento entre descendentes dos colonos europeus e descendentes dos portugueses e escravos, está marcado por um certo racismo.

Os descendentes dos colonos têm um certo e justo orgulho daquilo que conseguiram realizar com tantos esforços e não entendem por que os outros, negros e pretos principalmente, não conseguiram os mesmos resultados. Então, com os alunos, tentamos descobrir o porque disso.

Analizamos, em primeiro lugar a política do governo em relação aos colonos, na época da imigração européia. Os colonos tiveram um certo "privilégio", coisa que pretos e negros, para não falar dos índios, não tiveram. Com isso não podemos desconhecer as dificuldades enfrentadas pelos colonos. Mas, apesar do fato que as promessas feitas aos colonos, sempre eram diferentes da realidade que eles encontravam, é um fato que a política do governo daquele tempo, "privilegiou", num certo sentido, os colonos europeus. Certo, eles não receberam tudo de mão beijada. Tiveram que lutar duramente para conquistar aquilo que hoje é deles. Mas, repetindo-lo, o governo daquele tempo, na colonização de novas terras, preferiu os colonos europeus. E os pretos e negros, já prejudicados no tempo da escravidão, ficaram prejudicados outra vez.

Há também uma outra coisa a se ter presente quando se quer explicar a diferença dos colonos europeus para os pretos e negros. Podemos usar a imagem seguinte:

Os colonos e os pretos-e-negros são como duas plantas diferentes, que nasceram, cresceram e se desenvolveram em terrenos diferentes. Uma nasceu numa terra boa, na beira do córrego, enquanto que a outra nasceu numa terra velha e cansada.

As raízes dos colonos mergulharam fundo numa terra bem diferente da terra onde mergulharam as raízes dos pretos. Diferente, em que sentido? É fácil de se dizer. Os colonos nasceram numa terra de homens livres com verdadeiras tradições camponesas, ao passo que pretos e negros nasceram numa terra de escravidão. Quando os colonos foram transplantados no Brasil, foram transplantados numa terra que estava saindo de um regime de escravidão. Os pretos e negros que estavam saindo deste regime não tinham nenhuma tradição camponesa. Os escravos eram propriedade de seus donos assim como a terra, as ferramentas, os animais. O dono podia fazer deles o que queria: vendê-los, castigá-los, alugá-los, prendê-los e separá-los de suas famílias. Seus filhos eram chamados "crias" como os filhotes dos animais, e também eram propriedade dos donos. O dono os alimentava e vestia com o mínimo suficiente para que não adocessem e tivessem força para o trabalho. Certo, naquele tempo havia também pessoas livres, não escravas, mas eram poucas e eram pobres e elas também não tinham tradição camponesa enquanto as terras estavam nas mãos de um número reduzido de grandes proprietários.

A planta que nasce numa terra dessas, como pode vingar bem? Claro que as outras plantas vingam melhor! A planta que nasceu numa terra boa e que por isso vingou bem, tem direito de criticar a planta que nasceu numa terra ruim, esgotada, pobre?!

c - Fazer uma comparação entre a posse e o uso da terra na nossa região e nas outras regiões do país. Graças aos colonos, aqui temos uma região de pequenos proprietários, aonde ninguém é muito rico e pouco são muito pobres. Na maioria das outras

regiões do Brasil dominam as grandes fazendas, em que poucos têm muita terra, alguns têm pouca terra e muitíssimos não têm terra. Comparando a maneira como a terra é dividida e aproveitada aqui, com a maneira como a terra é dividida e aproveitada no resto do Brasil, nós nos perguntamos: Qual a divisão das terras que dá melhores resultados? A nossa ou aquela das grandes fazendas? Onde um pequeno agricultor tem melhores condições de viver e desenvolver?

11.3 O NOSSO COMBATE AS DOENÇAS

Há uns 30 ou 40 anos atrás começaram a chegar nesta região os primeiros moradores, vindos principalmente do sul do estado. O que eles toparam foi uma natureza ainda selvagem e tiveram que lutar para civilizá-la. Nesta situação pelejaram com uma série de doenças, como: empaludismo, tifo, febre amarela, amarelão etc...

Não era muito fácil lutar contra estas doenças, porque os recursos eram poucos, as distâncias eram grandes e havia poucos médicos e farmacêuticos. Para o povo não tinha outro jeito se não:

- * fazer chá, banhos, garrafadas, emplastos com raízes, folhas, flores, frutos, cascas, ervas do mato;
- * usar óleos de plantas e banhos de animais;
- * em alguns casos procurar os benzedeiros e curandeiros.

O uso de ervas, raízes e banhos foi um costume que o nosso povo aprendeu dos antigos e, na opinião de alguns, é dos índios que vêm pelo menos alguns destes conhecimentos.

Sabendo-se que o nosso povo não aprendeu de médicos e farmacêuticos a preparar estes remédios, dá para pensar que ele, aproveitando dos recursos e conhecimentos que tinha, foi tentando, ...tentando, ... até descobrir alguns remédios que davam certo e que ainda hoje estão dando certo.

Falando de benzedeiros e curandeiros, vimos o seguinte:

* As doenças que eles tratavam eram: cobreiro, espinhe-la caída, impinge, izipra, mau olhado, dor d'olho, mal de Saniot, vento caído, boqueira, sapinho etc... Pode-se ver que a maioria dessas doenças são mais ou menos mansas e pode ser que às vezes o corpo sozinho conseguiu vencê-las.

* Para tratar destas doenças o benzedor só benzia, rezava ou cozia, enquanto que o curandeiro ou tratador sempre dava uma garrafada, aplicava um emplasto ou passava alguma banha. Também os benzedeiros muitas vezes não só rezavam, mas ainda aplicavam um remédio, faziam uma massagem ou mandavam o doente fazer alguns exercícios com o corpo. Este jeito de tratar dá para desconfiar: Aquilo que curava o doente era a reza ou era o remédio, a massagem, o exercício com o corpo?

* Uma vez a maioria das pessoas acreditavam nos benzedeiros e curandeiros, enquanto que hoje muitos não acreditam mais. Quem ainda acredita diz que o tratamento de um curandeiro ou benzedor dá certo só se a pessoa tiver fé. Mas há outros que dizem que procurando essa gente para se tratar, pode se prejudicar a alma. Então, QUE FÉ É ESSA DE QUE ALGUNS FALAM? É a fé da Igreja ou é uma crença pessoal muito forte que faz com que uma pessoa acredite piamente que vai melhorar e acaba melhorando mesmo? Tem algumas pessoas que não vão à Igreja e nem tem a fé da Igreja. Vamos imaginar que uma destas pessoas tenha que se tratar de um "deslameado", ou de um impinge, ou de um dor d'olho etc... Será que um tratador conseguiria curar esta pessoa que não tem a fé da Igreja?

Hoje em dia temos mais recursos para combater as doenças; inclusive temos mais vacinas, mais médicos, mais farmacêuticos, mais hospitais e ainda temos a assistência do Sindicato e do INPS.

Ao que parece o povo hoje tem mais confiança nos médicos e farmacêuticos, porque eles estudaram mais, conhecem mais as doenças e se diz também que eles receitam remédios melhores. De fato o povo hoje em dia aproveita mais estes recursos porque tem mais condições para isso.

Mas nem com os médicos tudo é tão fácil assim. Os pais apontaram as seguintes dificuldades:

- Às vezes é difícil chegar para conversar com um médico.
- Às vezes os médicos não dão muita atenção.
- Às vezes não se encontra o médico na hora que se precisa.
- As consultas e os remédios são muito caros.
- Internar um doente, às vezes, é difícil e as pessoas nem sempre ficam satisfeitas com o atendimento do hospital.
- Muitas vezes o médico receita um remédio... depois receita outro... depois manda voltar... manda fazer um exame... manda fazer outro exame... e assim a gente vai gastando uma nota.
- É muito difícil o médico receitar um remédio que pode ser preparado em casa. Uma consulta do médico acaba quase sempre com uma receita para comprar os remédios da farmácia.

Um agricultor falou: "Com médico e farmacêutico o negócio é o seguinte: Se tiver dinheiro as coisas saem tudo fácil, mas se não tiver o dinheiro!..."

Discutindo tudo isso com os alunos, a conclusão a que chegamos é que é bom confiar nos médicos, porque precisamos deles e eles podem ajudar em muitas coisas. Mas desconfiar um pouco também é bom!

Procurar os médicos para qualquer caso de doença pode viciar, porque no fim podemos acabar pensando que só eles sabem cuidar direito da nossa saúde. Será que nós também não sabemos cuidar da nossa saúde e tratar de algumas doenças? Muitos dos nossos remédios caseiros não continuam dando bons resultados?!

Portanto, ao que parece, não devemos dispensar o tratamento dos médicos e os remédios da farmácia e nem os nossos remédios feitos em casa.

11.4 OS REMÉDIOS POPULARES

A pesquisa feita mostra que o nosso povo, pela experiência acumulada durante muitos anos, sabe tratar com ervas, raízes, bulbos, chás, óleos etc... um grande número de doenças. E a experiência parece mostrar que muitos destes remédios davam certo e continuam dando.

Hoje em dia, em caso de doença, se recorre muito mais aos remédios da farmácia. Parece que os remédios caseiros estão sendo um pouco esquecidos.

A este ponto nos perguntamos: "Será mesmo que os remédios caseiros têm sempre menos valor que os remédios da farmácia? Será que os remédios da farmácia merecem mais confiança do que os remédios de casa?"

Para nós é difícil provar pela ciência se todos esses remédios caseiros são bons. Outros, mais entendidos no assunto, como por exemplo: médicos, cientistas, pesquisadores etc... poderiam fazê-lo. E seria até bom que o fizessen! A pesquisa poderia dar resultados muito interessantes. E, quem sabe que com isso o povo não poderia passar a aproveitar melhor os seus remédios caseiros!? (1)

Por enquanto, a única coisa que temos para avaliar esses remédios caseiros é o testemunho de muita gente que depois de tê-los experimentados diz que dão certo.

Tem porém algumas maneiras de tratar que nos deixam um pouco na dúvida, principalmente quando se trata de benzinações, simpatias, alguns remédios esquisitos ou coisa parecida.

Concluindo: Se de um lado está errado deixar completamente de lado ou até sentir vergonha dos remédios caseiros, do outro lado porém não podemos ter uma confiança cega em todos eles.

...E o que dizer dos remédios das farmácias?

1º - Até hoje as doenças conhecidas são mais ou menos 500 e nas farmácias podemos encontrar perto de 20.000 remédios diferentes. Por que isso?

2º - Lendo as bulas de muitos remédios vemos que são indicados para muitas doenças diferentes no mesmo tempo. É como dizer: "Você deve ter uma ou outra destas doenças. Tome e vá em paz, que tudo vai dar certo."

(1) Em VEJA, 9 de fev. de 1977, nº 440, pág. 48, lemos: "A Central de Medicamentos (CEME), organismo do governo federal decidiu recentemente atacar o drama da carência de remédios no interior do país da maneira mais óbvia e também menos lembrada - destinou 6,4 milhões de cruzeiros para a pesquisa científica sobre plantas medicinais. Pode chegar o dia, sonha-se na CEME, em que o resfriado de um boia-fria não precisará mais pagar royalties para ser curado. A receita estaria na tradicional erva caseira de fundo de quintal."

Para não falar da escrita difícil das bulas! Quem de nós entende aquilo que está escrito numa bula de remédios? Sabendo que aquele remédio será tomado por pessoas comuns do povo, sem muito estudo, não seria possível dizer as mesmas coisas com palavras mais simples?

3º - Muitas vezes fazem propaganda de remédios inúteis. Um folheto de propaganda, por exemplo, dizia mais ou menos o seguinte: "Você é uma daquelas pessoas que comem demais e depois têm problemas de digestão? Não se preocupe. Continue comendo demais. Tome porém este remédio aqui, e você nunca mais terá problemas de digestão". Qualquer um de nós, com um pouco de bom senso, diria: "Você é um cara como demais e depois tem problemas de digestão? Coma menos!" Mas a propaganda das farmácias não diz isso, se não perderia os lucros.

4º - Muitos remédios são vendidos sem as devidas precauções e sem especificar os possíveis efeitos negativos ou contra-indicações que os tornam perigosos em determinados casos. Muitos remédios que só poderiam ser vendidos sob apresentação de receita médica, são vendidos livremente.

5º - Hoje em dia se vende um exagero de fortificantes. Alguns jornais já denunciaram que alguns destes fortificantes podem até prejudicar a saúde e o crescimento das crianças. E esta fartura de fortificantes pode nos fazer esquecer que o melhor fortificante é uma boa comida.

6º - Os jornais dizem que nas farmácias do Brasil encontram-se à venda um exagero de estimulantes do apetite. Parece até que a maioria dos brasileiros tem fartura de alimentos mas não tem fome. Ao contrário, parece que muitos brasileiros estão com fome e não têm comida suficiente.

Tudo isso nos leva a concluir que muitos remédios das farmácias são vendidos visando o lucro e não a saúde. Alguns remédios são inúteis, outros podem ser até perigosos e muitos são vendidos sem precauções.

Podemos, então, depositar nos remédios das farmácias, uma confiança total? Como dissemos da outra vez: "Confiar é bom, mas desconfiar também não é ruim".



OS REMÉDIOS
TAMBÉM MATAM!

11.5 A CULTURA DA MANDIOCA

NOBRE	Pés de mandioca de 4 ou 5 anos atrás	Pés de mandioca deste ano
WILSON	8.000	80.000
MILTON	1.800	30.000
ADGAR	10.000	25.000
MIGUEL	2.000	17.500
CLAUDMIR	7.000	16.000
CLÓVIS	4.000	8.000
EVANIR	3.500	6.000
CLAUDEIR	500	5.000
BELEMIR	4.000	5.000
ANTÔNIO	-	3.000
LÚCIO	1.500	3.000
ALTAIR	30.000	15.000
PÉRICLES	10.000	5.000
VITORINO	10.000	5.000
ADEMAR	6.000	4.000
VALDEMAR e WALDIR	10.000	2.000
MARALINO	1.000	10
GILSON	400	200
JOÃO	500	1.000
RONALDO	1.500	1.000

A tabela acima representa a situação da cultura da mandioca nas nossas propriedades. Olhando a tabela podemos fazer as seguintes observações:

1ª - Nos últimos anos em 11 propriedades a produção da mandioca aumentou do dobro e, às vezes, até muito mais que isso. É que alguns agricultores já tinham notado que a mandioca estava tendo uma boa saída e por isso plantaram mais.

2ª - Sempre nos últimos anos em 5 propriedades a produção diminuiu. Isto parece ter acontecido porque anos atrás a mandioca quase não tinha valor e os agricultores desanimaram de plantar.

3ª - Enfim, notamos que em 4 propriedades a produção de mandioca nunca foi muito grande.

Mas algumas observações:

1) Reparamos que as VARIEDADES de mandioca plantada são muitas. Os alunos fizeram as listas seguintes:

VARIEDADES DE MIPIM: branco, roxo, rosa, pombo roxo, cacau, ararin, ararin, saracura, branquinha, manteiga, talo vermelho, cinco minutos, canoa ou vara de canoa, rabaete.

VARIEDADES DE MANDIOCA BRAVA: mandioca brava, margarina, chargona, periquito, gravetinha, armônica, voadinha, formosa, formosinha, alecrim.

São 24 variedades, cada uma com seu nome. Isto mostra que a mandioca é um cultivo muito popular.

2) ESCOLHA DO LOCAL: a mandioca é um cultivo que se dá bem mesmo em terras não muito boas. A maioria dos agricultores planta mandioca no meio do café novo, principalmente no noroeste.

- Esta prática traz as seguintes vantagens:
- É aproveitada a terra entre as carreiras de café.
 - A mandioca é a cultura que se dá melhor no meio do café.
 - Plantando mandioca no meio do café, é mais fácil que sobre um pedaço de terra, na propriedade, para o milho.
 - A mandioca sombreia o café novo.

- Mas tem também algumas desvantagens:
- A mandioca tira a força do café.
 - O café não cresce bem, fica amarelado e não carrega bem.
 - Na hora da colheita, se tiver mandioca no meio, atrapalha.

3) As DIFICULDADES encontradas para cuidar direito do mandiocal são as capinas para combater o mato e estar sempre em cima para combater as formigas, que comem tudo. Uma vez era mais difícil combater as formigas, porque não tinha remédios bons.

- 4) As VANTAGENS de ter um mandiocal na propriedade são:
- Fazer farinha e polvilho para o gasto.
 - Preparar comida para as criações.
 - Economizar milho.
 - Enfim, vender. E hoje se vende mais que no passado e a um preço melhor.

5) O PREÇO atual de um carro de mandioca é de Cr\$. 3.000,00 contra os Cr\$.300,00 de alguns anos atrás. Um saco de farinha que valia uns 20,00 Cr\$. já passou para 180,00 ou 200,00 Cr\$.

Por que o preço da mandioca subiu tanto?

- As causas apontadas foram:
- Hoje há mais farinhas e mais comércio.
 - A farinha está sendo comercializada também em lugares que não produzem mandioca.
 - Nada mais produz com fartura, como uma vez. A mandioca começou a ficar em falta e o preço subiu.
 - A farinha subiu porque nada hoje é barato. Tudo tem valor e pode ser vendido.
 - Uma vez a mandioca tinha poucas utilizações: fazer farinha e preparar comida para as criações. Hoje, deve ter outras utilizações. Pelo menos é aquilo que alguns dizem, mesmo se ninguém sabe dizer com certeza quais são estas outras utilizações. Fala-se por aí que estão tirando álcool da mandioca para substituir, em parte, a gasolina, que está muito cara. Mas aquilo que se sabe sobre isto é bem pouco.

O fato é que o preço subiu. O difícil é dizer por que subiu. Os motivos deste aumento de preço não são bem claros, pelo menos para nós.

Todos sabemos que a farinha é um produto fraco, mas, ao mesmo tempo é um produto muito comum. A maioria dos brasileiros não come sem farinha. Será que o comércio não está se aproveitando deste costume para lucrar o mais que pode?

Ou será que o preço está subindo porque algumas indústrias estão querendo tirar álcool da mandioca?

O atual aumento de preço está favorecendo aos agricultores e aos comerciantes, mas está prejudicando aos consumidores, isto é, aqueles que vão comprar farinha no comércio.

Para os agricultores este aumento de preço trouxe mais animação para plantar. Animados não estão só os proprietários, mas os meeiros também.

Conclusão: Um aluno escreveu: "O preço atual ajuda aos pobres que produzem mandioca e prejudica aos pobres que compram farinha." Esta nos pareceu uma observação muito fina, que nos obriga a pensar naquilo que está por trás deste aumento de preço.

11.6 O CLIMA EM NOSSA REGIÃO

Fica meio difícil estabelecer com certeza as épocas das chuvas, de antigamente e de hoje. Mesmo assim os agricultores afirmam que uma vez chovia mais. Hoje em dia, parece que a seca está cada vez mais castigando as culturas e as chuvas muitas vezes atrasam. Este ano, por exemplo, o atraso da chuva prejudicou o plantio de feijão e a seca de dezembro-janeiro prejudicou a colheita de milho e feijão.

As épocas em que os agricultores mais precisam de chuva são os meses de Março-Abril e Setembro-Outubro, isto é, os meses de plantio das culturas brancas.

Não é só a falta de chuva que está prejudicando as culturas, tem também os insetos e o enfraquecimento da terra. Será que falta de chuva, insetos e enfraquecimento da terra não estão ligados um com o outro?! Será que uma coisa não tem nada a ver com as outras?!

A seca além de prejudicar as culturas traz também outras desvantagens: dificulta o trabalho, dá muita poeira, seca os córregos e resseca o solo.

Por que as chuvas estão diminuindo?

1º - Muitos dizem que se não chove é porque Deus não quer, ou porque é um castigo de Deus ou porque os homens não rezam mais.

Mas os alunos das escolas, estudando, descobrem que a chuva é um fenômeno da natureza, que não tem nada a ver com milagre. Então, como combinar as duas coisas? Isto é, a chuva vem de Deus ou vem da natureza?.

Quando um carro enguiça, a culpa não sempre é de quem construiu o carro, e sim pode ser de quem usou o carro. Como não soube usá-lo direito, estragou-o.

Quem construiu este mundo foi Deus mesmo, e ele o fez muito bem, de maneira que não faltassem as chuvas e todas as outras coisas que os homens precisam. Porém, Deus entregou este mundo bem feito na mão dos homens e agora os responsáveis pelo bom funcionamento do mundo são os próprios homens.

Se não chove mais como antigamente, será que é porque Deus não quer ou não será porque os homens estragaram aquelas coisas, criadas por Deus, que nos davam a chuva?! As matas, por exemplo!

E se continuar a chover cada vez menos, será que adianta muito ficar só rezando? Deus entregou este mundo, por ele criado, não a crianças, e sim a homens adultos e responsáveis. E se estes homens estragaram, em parte, o que Deus fez tão bem, a quem cabe o dever de consertar as coisas? Ao próprio Deus ou aos homens?

2º - Muitos dizem que se não chove é porque estão acabando com as matas. Eles dizem que as matas puxam as chuvas. Os agricultores mesmos constataram que quando tinha as matas chovia quase todos os dias e hoje chove bem menos.

Nas escolas os alunos aprendem que as plantas seguram muitas das águas das chuvas, depois as chupam para o seu sustento e enfim lançam no ar uma grande quantidade de vapor de água que, em seguida, forma as nuvens e daí outras chuvas.

Aonde não tem matas, as chuvas provocam enxurradas, as águas vão logo para os córregos e são levadas embora. A terra resseca cada vez mais, tem pouca evaporação da terra e das plantas, se formam poucas nuvens (que o vento pede até acorregar embora), e assim vai chovendo cada vez menos.

Se o IBDF e o governo estão baixando leis para não acabar com as matas, deve ser porque eles também estão vendo que a situação não está muito boa e acham que com as matas o ambiente e as terras ficam melhor conservadas. É claro que aonde não chove as terras não se conservam bem. Então, deve ser que o IBDF e o governo também acham que conservando as matas se favorecem às chuvas.

Pensando no futuro

Alguém está preocupado que o norte do Espírito Santo vire deserto. Isso já foi escrito em alguns jornais e revistas. Talvez seja um pouco exagerado.

O deserto é um lugar onde não chove e aonde não se produz nada porque as plantas não têm condições de viver.

Se por aqui estamos notando uma diminuição das chuvas e uma diminuição das produções, devemos nos preocupar. Será que não estamos a caminho do deserto? O que podemos fazer para não chegar lá? Temos que pensar!

11.7 AS PRAGAS QUE ATACAM AS Nossas CULTURAS

As pragas mais comuns por aqui são: as formigas saúvas, os vários tipos de lagartas, os vários tipos de besouros, os grilos e as brocas.

As culturas mais prejudicadas são: milho, feijão, hortã, café e pasto, isto é, quase todas as culturas.

Nestes últimos anos apareceram outros insetos: o besourinho do feijão, as formiguinhas "quen-quen" e os cigarrinhas do pasto.

O prejuízo que estas pragas estão dando é bastante grande. O ano passado, por exemplo, o besourinho do feijão provocou bastante danos.

Por que temos tantos insetos?

1º - Alguns dizem que a seca favorece os insetos. Foi difícil para nós saber se isto está certo e estabelecer qual seriam os insetos que mais atacam as plantas durante a seca. Uma coisa, talvez, esteja certa. Durante a seca as plantas sofredoras, não vingam bem e ficam meio fracas, porque o solo também enfraquece com a seca e as plantas não encontram nele o alimento necessário.

Ora, uma planta fraca pode ser mais facilmente atacada pelas pragas e sofrer maiores prejuízos. O mesmo acontece com as pessoas. Uma pessoa fraca pega doença com muito mais facilidade do que uma pessoa forte e bem alimentada.

2º - Nos jornais e revistas alguns escrevem que o aumento de insetos que prejudicam a agricultura é devido à caça que está acabando com certos animais que se alimentam com estes insetos.

Todos sabem, por exemplo, que o tatu como formigas, o tatu também e o lagarto mais ainda. Alguns dizem que o tatu cava buracos na terra e estraga os mandiocais. Por isso foi muito caçado. Tem, porém, outros bichos do mato que talvez estejam sendo caçados pelo simples gosto da caça e de comer a carne deles.

Pocas vezes, porém, nós nos perguntamos se estes bichos que caçamos não trazem também alguns benefícios, superiores aos possíveis danos.

Na América do Norte, por exemplo, anos atrás, os agricultores caçaram, até quase acabar com eles, os coiotes, que eram bichos do mato que às vezes assaltavam e matavam algumas ovelhas dos agricultores. Os coiotes, porém, comiam também os coelhos do mato. Quando os coiotes acabaram, os coelhos do mato aumentaram muito de número e acabaram com as pastagens. As ovelhas dos agricultores ficaram assim mais prejudicadas ainda.

Será que por aqui não poderá ocorrer nada de parecido?

3º - Outros dizem que os insetos aumentaram porque estão acabando com as matas. Os insetos que antes viviam e se alimentavam nas matas, invadiram as culturas trazendo muitos prejuízos. Este é um negócio que merece ser bem pensado.

Conclusão:

Os agricultores costumam combater quase só as formigas. Para combater todas as outras pragas necessariam de mais recursos para comprar os remédios necessários e muitas vezes para eles é difícil saber quais são os remédios certos para combater algumas destas pragas.

Contudo, parece que eles estão bastante acostumados com estas pragas. Algum chegou até a dizer que não adianta muito combatê-las, porque quando você acaba com uma, logo aparece outra.

Será mesmo que não vale a pena tentar o combate das pragas? E se elas aumentarem, o que vamos fazer?

11.8 O ENFRAQUECIMENTO DAS NOSSAS TERRAS

As terras mais velhas que existem nas propriedades são destinadas principalmente ao pasto e à cultura da mandioca, que são as culturas mais resistentes.

As terras mais novas são destinadas principalmente à cultura do café, do feijão e do milho.

Acontece porém que nem sempre os agricultores dispõem de terras novas para estas culturas; e, então, eles aproveitam a terra que têm, mesmo se for velha.

As terras mais velhas foram desmatadas não mais de 30 anos atrás e já estão dando alguns sinais de cansaço e fraqueza. De fato os agricultores estão notando uma certa queda de produção em muitas culturas, sobretudo no feijão e milho, que menos aguentam a seca e o ataque dos insetos.

Uma pessoa, que só vive no máximo até 80 ou 90 anos, quando está na idade dos 30 ou 40 anos, de jeito nenhum pode ser considerada velha, e menos que não seja muito doente e maltratada. E a terra, que deveria durar toda vida, como é que depois de 30 ou 40 anos já está dando sinais de velhice?

Procurando as causas:

1º - As terras foram abertas com queimada.

O fogo oferece muitas vantagens:

- Poucas pessoas em pouco tempo fazem muito serviço
- O terreno fica bem limpo
- É mais fácil plantar e colher

O fogo traz também algumas desvantagens:

- Em lugares muito enorçados favorece a erosão
- Além disso, o fogo estraga a terra, principalmente se a época for muito seca.

2º - O café, que é a cultura principal da região, é plantado de morro acima. Isto traz vantagens e desvantagens:

- O trabalho de limpa exige menos mão-de-obra e é mais fácil
- Mas a chuva pode provocar enxurradas e abrir valetas entre as acroiras.

3º - No meio do café costuma-se plantar muitas outras culturas, que servem para o gasto da família: milho, feijão, mandioca, cana...

As vantagens disso são:

- Limpando o feijão ou o milho você limpa também o café e com isso ganha tempo
- A terra é aproveitada ao máximo.

As desvantagens são:

- O alimento que as plantas tiram do solo tem que ser dividido entre todas as culturas, e talvez não dê bem para sustentar todas elas. É como se a comida preparada na mesa para um pessoa tivesse que ser repartida entre 4 ou 5 pessoas. Todas elas comeriam um poquinho, mas nenhuma comeria o suficiente.

Procurando as possíveis melhoras:

- Poderia-se tentar de evitar o fogo, pelo menos em alguns casos.
- Poderia-se pensar se o café plantado em curva de nível não traz mais vantagens do que o café plantado de morro acima.
- Depois dos primeiros anos, poderia-se evitar de plantar outras culturas no meio do café. Mas, para isso, o agricultor deveria poder ter mais terras para o plantio das outras culturas. Então, o que fazer?
- Arar também ajuda. E, ao que parece, esta é uma prática que está se alastrando. O problema é que a nossa região é muito amorrada e isso atrapalha um pouco.
- Adubar também pode ajudar. O adubo químico, porém, custa caro e o agricultor não tem muitos recursos para isso. Além do mais, em áreas pequenas, a adubação química pode não ser econômica. Então, o que fazer? Temos o esterco de curral. Será que não poderia ser melhor aproveitado?

Conclusão:

Algum solução tem que ser encontrada. Talvez possa ajudar misto o Sindicato, a Cooperativa, o Banco, a Fiator, o IBC etc.... porque as terras onde vivemos, além de servirem para as nossas famílias de agora, deveriam servir também para as famílias que virão no futuro.

A menos que não pensem de largar as terras daqui para ir à procura de terras novas em outras regiões do país. Neste caso, a nossa região viraria o que?

11.9 O DESILAMENTO E A CAÇA EM NOSSA REGIÃO

Observações sobre as madeiras:

1º - Os agricultores sempre precisaram usar das madeiras para muitas necessidades: construir a casa, fazer um corral, ter lenha, fazer porteiras e mata-burros etc.... Isto fez com que eles tenham agora um conhecimento muito grande das madeiras.

É incrível o número de nomes de madeiras que eles conhecem, e sabem distinguir com extrema facilidade uma madeira da outra, mesmo de longe. Eles conhecem muito bem as características de cada tipo de madeira.

Eles sabem, por exemplo, qual é a madeira melhor para fazer estacas, postes, dormentes, curral, pontes, travessas, lenha... Eles sabem também se a madeira tal tem muito corvo ou muito branco se é fácil de se serrar ou lascar, se tem cheiro e que cheiro tem se é facilmente atacada pelo cupim, se a casca serve para fazer chá ou outros remédios etc.... Enfim, conhecem o fruto ou semente que cada madeira dá, em que lugar desenvolve melhor e quanto tempo gasta para se formar.

Eles aprenderam tudo isso não estudando nos livros, aliás os livros falam muito pouco sobre isso, mas através do uso que eles fizeram dos diferentes tipos de madeira.

2º - Anos atrás, pelo fato que não tinha comércio de madeira, a muita madeira boa que tinha era queimada quando se faziam as derrubadas. Assim, uma enorme riqueza, que a natureza gastou milhares de anos para formar, em poucos anos foi destruída. Hoje, o comércio de madeira está melhor, mas quase não tem mais madeira.

3º - A necessidade de ter terra para a agricultura, sempre obrigou os agricultores a derrubar as matas que tinham nas propriedades. O pouco que ainda sobrou é considerado de pouco valor, inclusive porque tem pouca madeira boa, e, em vista do bom preço atual do café, muitos estão pensando em acabar com estes restos de mata e plantar café, que dá mais lucro que as matas.

Observações sobre a caça:

1º - Os colonos que vieram para o Brasil, trouxeram da Europa alguns animais mansos para serem criados ao redor da casa: galinhas, porcos, patos, gato, cachorro, etc... Aqui, eles encontraram bichos estranhos que atacavam suas criações, dando prejuízo. Por exemplo: raposa, gato-do-mato, onça, lontra, jacaré, gambá, lagarto etc... A caça foi o meio encontrado para acabar com estes bichos que davam prejuízo.

2º - Os colonos sempre cuidaram de lavouras, e as terras para as lavouras sempre foram conseguidas derrubando as matas. Os bichos e os pássaros que antes viviam dentro das matas, a medida que a moradia deles foi sendo destruída, foram procurar seu alimento no meio das lavouras, dando prejuízo. Por ex.: tatu, porco-do-mato, capivara, pássaros etc... Neste caso também a caça foi o meio encontrado para diminuir os prejuízos.

3º - A caça foi também praticada como um meio para se conseguir carne para o gasto da família e como diversão. A caça como diversão levou e está levando a alguns exageros: se atira em tudo que aparece na frente, principalmente hoje que não tem muita possibilidade de escolha, uma vez que os bichos maiores já acabaram.

Controlar através da caça o aumento dos animais prejudiciais à agricultura, é bom. Mas, uma vez que a caça é também uma diversão, não existe o perigo de exagerar? Não existe o perigo de acabar também com alguns animais que trazem benefícios? Será que só os animais que criamos ao redor de casa é que são uma riqueza para nós? E os animais do mato, não valem mesmo nada? Não servem para nada? Não são também uma riqueza?

A caça é uma diversão. Mas se não mancar um pouco e se continuar a caçar em continuado, matando os bichos grandes e os pequenos, adultos e filhotes, não tem o perigo que, daqui a alguns anos, esta diversão acabe também?

11.10 AS SAÍDAS PARA RONDÔNIA

Lá para 1970/71 algumas famílias das nossas comunidades começaram a sair para Rondônia e estas saídas ainda continuam. Aquilo que favoreceu estas saídas foi a abertura da estrada Cuiabá-Porto Velho. Com isso chegaram até aqui notícias de que em Rondônia havia muitas terras, baratas e boas. Estas notícias foram se espalhando bastante rapidamente em nossas comunidades. Algumas pessoas andaram mostrando filmes de Rondônia e a empresa de ônibus S. Gabriel foi organizando viagens turísticas até lá. Assim quase que espontaneamente e sem pensar muito, começou um pequeno êxodo para Rondônia de famílias de agricultores.

Falou que as terras de Rondônia são muitas, são baratas e são boas, enquanto que aqui em nossa região as terras estão ficando poucas, cansadas e caras. As terras de Rondônia seriam assim a solução tanto para os neciros que aqui não têm terra própria, quanto para os pequenos proprietários que querem melhorar a sua situação.

É mais do que certo que as terras de Rondônia são muitas; que sejam baratas também pode-se acreditar, mas que todas elas sejam boas.... Alguns agricultores que visitaram Rondônia nestes últimos tempos, voltaram não muito satisfeitos com as terras de lá.

Mas, mesmo acreditando que as terras de lá sejam todas boas, de que adianta uma terra boa se não tem estradas, se não tem comércio, se as distâncias são grandes, se o custo da vida é muito alto enquanto que o produto que se vende é barato?!... Sem levar em conta o problema de clima, de doenças, de assistência médica, de escolas etc...

O fato que algumas das famílias que foram para lá já voltaram, mostra que a situação não deve estar tão boa como se fala. A menos que não se diga que tudo depende da vontade de trabalhar e que quem tem esta vontade consegue o que quer e quem não tem vontade de trabalhar, nada. Mas também neste caso pode-se perguntar: "De que adianta a vontade de trabalhar se a propriedade fica muito retirada do patrimônio, se não se consegue vender bem aquilo que se produz e se tudo aquilo que se compra tem que ser pago muito caro?!... Numa situação dessa, mesmo um cara que tenha muita vontade de trabalhar, se estropa!

A esta altura relembremos a história dos nossos antigos. A maioria deles veio da Alemanha ou Itália. Ali eles estavam passando dificuldade. Vieram para o Brasil porque se falava que aqui tinha muitas terras, terras boas e fáceis de se conseguir. Se estabilizaram no sul do estado e começaram os trabalhos de derrubada para formar as lavouras, encontrando muitas dificuldades. Mas o sul cresceu e progrediu. A uma certa altura os descendentes dos primeiros colonos começaram a passar dificuldade também no sul, porque a população aumentou e as terras começaram a ficar poucas, caras e cansadas. Muitos deles vieram, então, para o norte porque aqui tinha muitas terras, terras boas e terras baratas. Aqui começaram outra vez os trabalhos de derrubada para formar as lavouras, encontrando muitas dificuldades. Mas assim o norte também cresceu e progrediu, e hoje a situação daqui parece melhor do que a situação do sul. Mas também aqui o povo aumentou, as terras

estão ficando caras e um pouco cansadas. Assim alguns saem para Rondônia à procura de terras novas.

A história, como podemos ver, vai se repetindo. Onde vamos parar com isso? Não dá a impressão que se está sempre atrás de "caçar" terras novas, deixando para trás as terras um pouco velhas e já exploradas? Deste jeito podemos dizer que a nossa agricultura está progredindo ou que está marcando passo? Ir para Rondônia resolve os problemas da agricultura daqui? Não existem outras soluções melhores?

Então, o que pensar daqueles que decidem de largar as terras daqui e ir em Rondônia?

Alguns acham que eles ^{estão} estão muito certos, porque eles correm o perigo de se desfazerem do pouco que têm aqui, ir para Rondônia, ter que voltar e acabar ficando sem nada.

Outros acham que eles estão certos porque é uma tentativa de melhorar a situação de vida. Isso vale principalmente para aqueles que pouco ou nada têm aqui.

Mas será que um neciro ou um pequeno proprietário têm condições de melhorar a sua situação indo para Rondônia? Alguns dizem que precisam muitos recursos para a coisa poder dar certo lá. Mas então, isso não resolve problema nenhum, porque um pequeno é pequeno porque não tem muitos recursos. Se tivesse muitos recursos não seria tão pequeno e nem tão pouco seria neciro. Se não tem recursos para melhorar a sua situação daqui, aonde é que ele vai achar os muitos recursos necessários para a coisa dar certo lá?! Se em Rondônia tem vez só para aqueles que têm muitos recursos, então não tem vez nem para os pequenos proprietários e nem tão pouco para os neciros.

Só alguns dos pais dos alunos pensam em ir para Rondônia porque aqui eles têm pouca terra ou são neciros. A maioria deles prefere ficar por aqui mesmo porque já custou muita fadiga conseguir aquilo que tem, e agora que estão colocados e podem aproveitar o trabalho feito, mesmo se têm algumas dificuldades, não acham bom largar as terras daqui, também porque aquilo que conseguiram aqui não podem levar para lá.

11.11 AS SAÍDAS PARA A CIDADE

Na nossa região não há muitas famílias ou pessoas que saem para a cidade. E o lugar deixado por uma família que sai é logo ocupado por outra que chega, de maneira que podemos dizer que, por enquanto, não está havendo um despovoamento das nossas comunidades.

Se as saídas são poucas é sinal de que a agricultura aqui está indo bastante bem, dá uma boa renda e as pessoas não são muito incentivadas a sair; inclusive vimos casos de alguns que já tentaram o emprego na cidade e depois voltaram para a roça, convencidos de que a lavoura é um emprego melhor e dá mais lucro.

Daquelles que saem, alguns procuram os grandes centros industriais: Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto que a maioria procura os centros menores: Vila Valério, São Gabriel, Colatina e Linhares.

Então: sair para a cidade muitas vezes não significa ir para muito longe, mas simplesmente ir morar na rua, onde existem melhores possibilidades de estudo para os filhos e de se empregar no comércio.

Aquelles que saem, saem pelos seguintes motivos:

- ou porque estão meio desanimados com o serviço da roça que mal dá para comer;
- ou porque tem pouca terra e muitos filhos;
- ou porque são empregados e ganham um salário baixo;
- ou porque são neciros e não vêem como adquirir terra própria;
- ou para estudar os filhos.

As vantagens de um emprego na cidade, na opinião de alguns, são os seguintes:

- se aprende mais coisas ao passo que na roça se sabe só pegar no cabo da enxada;
- se ganha mais ao passo que na roça muitos neciros e empregados ganham pouco;
- o salário é garantido, isto é, sai a cada 15 dias ou a cada mês, enquanto que na roça só se vê o cheiro do dinheiro na época das colheitas;
- o emprego na cidade dá possibilidade de estudar os filhos, ao passo que na roça as distancias são grandes e há poucos colégios.

Será que tudo isso é verdade?

É verdade que quem trabalha na roça só sabe pegar no cabo da enxada? Não tem de que saber lidar com muitas culturas diferentes? Para cada cultura não tem que saber que variedade plantar, quando plantar, onde plantar, como tratar, como beneficiar e armazenar, como comercializar?! Tudo isso é pouca coisa? Será que aprendem muitas coisas aqueles que trabalham numa indústria e ficam a vida toda repetindo a mesma operação de trabalho?!

É verdade que na cidade se ganha mais? Adianta muito ganhar mais se o custo da vida for muito maior que no interior? E, querendo, poderíamos acrescentar mais coisas ainda.

Vimos que atualmente as saídas para a cidade não são muitas, mas o problema poderá se agravar daqui a alguns anos. De fato, temos muitos jovens estudando e parece que os estudantes não gestam da roça. Eles dizem que não adianta estudar para ficar na roça. Eles gostam mais é da cidade.

Então, nós nos perguntamos:

- 1º - Por que um estudante geralmente não gosta da roça? O que é que falta na roça para segurar estes jovens? Na discussão com os alunos saiu o seguinte:
- Seria preciso uma certa mecanização agrícola para tornar menos pesado o trabalho na roça;
 - Seria preciso dar mais valor ao trabalhador rural;
 - Seria preciso mais apoio por parte do governo.

2º - Todos os estudantes sonham com um bom emprego na cidade, depois de formados. Mas será que vai ter vagas para todos? A escola serve só para resolver o problema do emprego? Será que ela tem condições de resolver o problema do emprego? A escola pode até formar muito bem os jovens (o que não sempre acontece!), mas se não tiver vagas no mercado do trabalho, o que a escola pode fazer? A quem cabe a solução deste problema?

3º - Os estudantes, às vezes, pensam que na cidade tudo é mais fácil e tudo é melhor que no interior. Eles estão com o pensamento voltado só para a cidade e talvez nem pensem que cidade e campo crescem juntos. Haveria crescimento da cidade se ao mesmo tempo não houvesse crescimento do campo? Todas as pessoas que vivem na cidade poderiam viver se não houvesse no campo aqueles que produzem os mantimentos? Na cidade há muito comércio. Seria possível todo este comércio se no campo a produção e a renda fossem baixas? O campo não teria condições de produzir e vender tudo o que produz se não houvesse a cidade e do outro lado a cidade não teria condições de produzir e vender o que produz, se também o pessoal do campo não tivesse condições de produzir, vender e comprar. Enfim, um completa o outro. No dia em que a cidade desprezar o trabalho do campo, ou vice versa, os dois iriam de água abaixo. Então, de onde é que vem esta idéia de que a cidade é sempre melhor que o campo?

11.12 OS DITADOS POPULARES

Aqui vai o resultado da nossa pesquisa sobre os ditados populares. Dependendo do interesse de cada um, esta pesquisa poderá ser continuada e completada.

Tentamos classificar os ditados pesquisados. Dividimo-los de acordo com os assuntos tratados e dentro de cada assunto separamos:

1. Os provérbios populares
2. Os dizeres de parachoques de caminhão
3. Os pensamentos

OS PROVÉRBIOS POPULARES

O povo é sabido. Os provérbios o mostram. Eles são, provavelmente, a mais autêntica expressão da sabedoria popular. Através deles o povo expressa com poucas palavras e com um certo humorismo o que ele pensa da vida e de seus problemas.

A vida é uma coisa muito séria, mas não tão séria assim que não se possa rir um pouco dela. Os provérbios mostram que o povo sabe rir de si mesmo, de seus defeitos e de suas dificuldades de suas alegrias e de suas dores. E parece que com isso ele consegue amenizar a dureza da vida e ir em frente sem exagerar esta dureza, e tirando tudo por menos. O povo toma a sério a vida, mas sabe também brincar com ela, mesmo se, às vezes, o sorriso que estes provérbios provocam, deixa a boca um pouquinho amarga.

OS DIZERES DE PARACHOQUES DE CAMINHÃO

São uma moda bastante recente. Estes dizeres querem imitar os provérbios, mas, na maioria, são mais parecidos com piadas do que com provérbios verdadeiros.

De fato, estes dizeres visam provocar o riso ou até mesmo a gargalhada de quem lê. A preocupação de quem inventa estes dizeres é a de encontrar uma frase ou uma imagem que vá despertar a risada. Para isso, às vezes, são aproveitadas frases e imagens de provérbios e pensamentos populares, que são porém modificadas com a finalidade de provocar gargalhadas.

O resultado é que alguns vezes temos humorismo, mas muitas vezes temos mais sarcasmo, ironia e até mesmo cinismo e sem-vergonhagem.

Temos que dizer, porém, que não todos os dizeres de parachoques são deste tipo. Muitos dizeres são parecidos com verdadeiros provérbios e expressam uma verdadeira sabedoria.

Dizíamos que os dizeres dos parachoques são uma moda bastante nova, como bastante nova é a profissão de chofer de caminhão. Quantos destes dizeres conseguirão ficar e serão lembrados por tanto tempo, como os verdadeiros provérbios?

OS PENSAMENTOS

Muitos jovens têm o gosto e o capricho de gravar o até copiar em cadernos uma série de pensamentos sobre a vida, o amizade, o amor etc... que se encontram em tantos livrinhos, almanques e outros folhetos espalhados por aí.

As vezes estes pensamentos são parecidos com provérbios, enquanto são frases simples, curtas e de fácil memorização.

Mas são diferentes dos provérbios porque visam transmitir certos conselhos para a amizade, o namoro, o casamento, a convivência social, a vivência cristã etc.... Uma palavra, são mais parecidos com uma lição de moral do que com um verdadeiro provérbio. E mais, a maioria destes pensamentos não saíram da cabeça do povo, e sim são adaptações, traduções e repetições de pensamentos de outras pessoas: padres, educadores, escritores etc....

A VIDA E SEUS PROBLEMAS

PROVÉRBIOS

- Quem chora, mana.
- Quem chega primeiro, bebe água limpa.
- Quem quer muito, traz de casa.
- Quem ri por último, ri melhor.
- Quem corre cansa, quem anda avança (ou alcança)
- Quem pode mais, chora menos.
- Quem canta seus males espanta.
- Quem gosta de conversa é camelô.
- Quem cochicha o rabo espicha.
- Quem tudo quer, tudo perde.
- Quem diz que sabe tudo, muitas vezes sabe nada.
- A rapadura é doce mas não é mole.
- A vida é dura para quem é mole.
- Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
- Devagar se vai ao longe, devagar se chega lá.
- O apressado come quente e passa mal.
- Espera sentado que em pé cansa.
- Antes pingar do que secar.
- Cada qual no seu canto chora o seu tanto.
- A esperança é a última que morre.
- Cuida da vida que a morte é certa.
- Se a morte for descanso, prefiro viver cansado.
- Não chores, que a vida é luta renhida.
- Águas passadas não tocam moinho.
- Trabalhar hoje para comer amanhã.
- Não cuspir no prato em que comeu.
- Não ven de garfo que hoje é dia de sopa.
- Tem que ver em que mato se pode tirar lenha.
- O cavaco nunca cai longe do pau.
- Chorar o morto para ganhar o vivo.
- Balança o galho que cu cato as frutas.
- O seguro morreu de velho.
- Se espremer muito sai no meio dos dedos.
- O desconfiado nasceu morto.
- O desconfiado nunca caiu no buraco.
- Não pode facilitar nem com o irmão.
- Não confie em homens de cabelo branco, pois os canalhas também envelhecem.
- O dinheiro não traz felicidade (...mas como ajuda).
- O dinheiro não compra a saúde de ninguém.
- O diabo sempre caga no monte maior.
- Nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai.

- Não é tudo que o olho vê que se pode apanhar.
- Se conselho fosse bom, ninguém dava, vendia.
- A desculpa do amarelão é a friagem.
- O bôbado cai pro lado que a cabeça pende.
- O dinheiro compra tudo, menos a morte.
- Jogar o verde para colher o maduro.
- Com açúcar até jiló.
- Muita trovoadas é sinal de pouca chuva.
- Sempre existe um chinelo velho para um pé cansado calçar.
- Tamanho não é documento.
- Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
- Para quem gosta, catinga é cheiro.
- Homem que chora, mulher que jura, mentira pura.
- Midar de pau para cavaco.
- Quando você ia com milho, eu já vinha com fubá.
- Um dia é da caça, o outro é do caçador.
- Quando um não quer, dois não brigam.
- A união faz a força.
- Antes tarde do que nunca.
- Antes prevenir do que remediar.
- É apanhando que se aprende.
- O tempo é o melhor conselheiro.
- Direito tem quem anda direito.
- Quanto mais tem, mais quer.
- Querer é uma coisa, poder é outra.
- A pressa é inimiga da vagareza.
- Enquanto o diabo pisca o olho, você faz miséria.
- A saúde é a nossa maior fortuna.
- Promessa é dívida.
- Quem promete, cumpre.

DIZERES DE PARACHOQUES DE CAMINHÃO

- Não sou parafuso, mas vivo apertado.
- Ninguém traz estrela na testa. Portanto, cuidado moço!
- Não esquente a cabeça se não derrrete o chifre.
- Mini-saia é que nem corça de arame: corça o terreno mas não tapa a visão.
- Promessa é dívida, mas devagar eu chego.
- Quem gosta de mim sou eu.
- Quem foge da realidade tem medo de olhar de cara a cara e levar uma cuspidinha no rosto.
- A vida é como um sala de espetáculo: entra-se, vê-se e sai-se.
- Nasci na pelada e vivo na banguela.
- Nascermos para viver, vivemos para sofrer, sofremos para morrer. Então, prá que viver?
- Vivendo e rodando é que vou aprendendo.
- A vida ensinou-me. Por isso sou um moço velho.
- A vida, por ser amarga, precisa ser adocada.
- Viva a vida enquanto a morte não chega.
- O mal passa mas deixa marca.
- Quanto mais conheço a humanidade, mais gosto de cachorro.
- Detesto a humanidade. Um dia confiei nela.
- Onde tu falastes, eu ganhei.
- Meu paraíso é meu lar.
- Meu tesouro está em casa.
- Sogra não é parente, é castigo.
- Pato e sogra não serve para sujar o carro da gente.

PIENSAMENTOS

- A maior escada do mundo é a vida.
- Só fracassou quem tentou.
- Não há vitória sem luta.
- Intelligência também tem sua hora de burrice.
- Quanto maior o obstáculo, maior a vitória.
- Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
- De poeta, médico e louco, todos tem um pouco.
- No mundo não há lugar para os fracos.
- A convivência traz alegria ou decepção.
- Para quem fofoca, a vida já está cheia delas.
- Que adianta passar na escola se somos sempre reprovados da vida.
- Na estrada da vida não há retorno.
- Quem ama as rosas, suporta os espinhos.
- A mentira acaba onde começa a verdade.
- Um segundo de mentira destrói 24 horas de verdade.
- Confie no futuro, nunca esquecendo o passado.
- Todos tem seu preço.
- Tenha confiança em si mesmo, que tudo se ajusta.
- Nasci para sofrer, chorar para que?
- Quando recebe um papapés por trás, sorria: é sinal que estás em frente.
- É muito bom ser importante, mas é mais importante ser bom.
- Quem não vive para servir, não serve para viver.

POBRE

PROVÉRBIOS

- Alegria do pobre é filho.
- Pobre como carne quando morde a língua.
- Pobre vive de teimoso.
- Rico correndo é atleta, pobre correndo é ladrão.
- Se trabalho enriquecesse, burro era milionário.
- O sol é para todos e a sombra para quem pode.
- Pobre, quando descansa, carrega pedras.
- A pimenta é a banha do pobre.
- Cálculo de pobre, pode contar, é prejuízo na certa.
- Se merda valesse dinheiro, pobre nascia sem eu.
- Mão de rico é fechado que nem eu de peixe: não entra nem água.

DIZERES DE PARACHOQUES DE CAMINHÃO

- Rico anda de variant, pobre anda variando.
- Rico anda de chevette, pobre anda de charrette.
- Praia do pobre é gamela.
- Pobre como frango quando é golceiro.
- Pobre sem dinheiro é cachorro na chuva.

BICHOS

PROVÉRBIOS

- Cachorro que late não morde.
- Quem não tem cachorro caça com gato.
- É preferível um cachorro amigo do que um amigo cachorro.
- Cada mancebo no seu galho.
- Mancebo velho não põe mão em cambuca.
- Cavalado dado não se repara idade.
- Praga de cavalo magro não pega em cavalo gordo.
- De grão em grão a galinha enche o papo.
- Em casa que mulher manda, até o galo canta fino.
- Galo no terreiro dos outros é galinha.
- Um ovo cozido é um pinto perdido.
- Uma andorinha não faz verão.
- Cada coruja gaba o seu toco.
- Quem pula de galho em galho, leva chumbo.
- Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
- Lugar de esperar paca é na tria.
- O gavião quando canta no galho seco é sinal de chuva.
- Buraco velho tem cobra dentro.
- Quando um burro fala, o outro marcha as orelhas.
- Boca fechada não entra mosquito.
- O carro nunca pode andar na frente dos bois.
- É o cavalo manso que matou o patrão.
- Filho de peixe, peixinho é.

MULHER - AMOR - CASAMENTO

PROVÉRBIOS

- Quem escolhe muito, fica escolhido.
- Mulher de bigode, nem o diabo pode.
- Em casa que mulher manda, até o galo canta fino.
- Casa sem mulher é fonte sem água.
- Mulher e cachaça em todo lugar se acha.
- Mulher de vizinho, para mim é homem.

DIZERES DE PARACHOQUES DE CAMINHÃO

- Homem sem mulher é igual a cachorro abandonado.
- Urubu e mulher feia, comigo é na pedrada.
- Mulher é como alça de caixa: quando um larga, outro pega.
- Mulher é como guarda-chuva: se deixar num lugar, não precisa voltar, que outro já pegou.
- Mulher é como árvore: só dá galhos.
- Viúva é igual lenha verde: chora mas pega fogo.
- Mulher é igual ao mar: o homem vai na onda.
- Mulher é como sonho, nunca é o que sonhamos.
- Mulher é igual a estrada: se for boa demais é perigosa.
- A mulher nasce sorrindo, vive fingindo e morre traíndo.
- Com mulher e dinheiro, cuidado companheiro.
- Mulher e parafuso, comigo é na chave de fenda.
- Mulher feia é asombração.
- Feliz foi Adão que não teve sogra e nem caminhão.
- Mulher sem agarramento é igual a bolo sem fermento.
- Mulher feia cu não carrega porque o frete é barato.

- É capaz da água virar pó mas a mulher não amar um homem só.
- Sopa e mulher, só quente.
- Vitamina de chofer é sorriso de mulher.
- Nas curvas do teu corpo tombeí o meu coração.
- Deus fêz a mulher com muita delicadeza, com um corpo de boneca e o rosto de princesa.
- Deus fêz o homem sem corinônia, deu-lhe o corpo de palhaço e a cara de sem-vergonha.
- Não há médico que cure a dor de saudade.
- Quem planta amor colhe saudade.
- Com a distância aumenta a saudade.
- O que os olhos não vêem, coração não sente.
- Beijo é igual a cachaça: não mata a sede mas vicia.
- Boca que não cresce beijo, pinenta nela.
- Namoro sem beijo é igual a macarrão sem queijo.
- Se o casamento fosse bom, não precisava de testemunhas.
- O amor deseja tudo mas se satisfaz com qualquer coisa.
- No baralho da vida só encontrei uma dama.

PENSAMENTOS

- A riqueza de um homem é o carinho de uma mulher sincera.
- A mulher é a chave que Deus fêz para abrir os corações dos homens.
- A mulher é um instrumento que o homem usa para atravessar o deserto da vida.
- A mulher formosa agrada aos olhos. A mulher boa agrada ao coração. A primeira é uma joia, a segunda é um tesouro.
- Paixão é fogo de palha.
- A recordação é como a música: toca no presente as coisas do passado.
- A saudade é um sino de bronze a badalar na catedral da recordação.
- É mais fácil a rosa deixar de ser flor do que o homem ser traidor.
- Para quem ama, longe torna-se perto.
- A linguagem do coração é universal. Para entendê-la só é preciso sensibilidade.
- O beijo é a expressão de um idioma universal.

AMIZADE

PROVÉRBIOS

- Quem fala dos outros, não sabe o que está fazendo.
- Quem não comunica, se embica.
- Antes só do que mal acompanhado.
- Quando um não quer, dois não brigam.
- Diz-me com quem andas e te direi quem és.
- É preferível um cachorro amigo do que um amigo cachorro.

PENSAMENTOS

- Para multiplicarmos a amizade é preciso dividi-la.
- Arigo não é aquele que dá a rosa, mas aquele que tira o espinho.
- Quando falar de mim, lembre-se do seu passado.
- Não faça aos outros aquilo que não queres que te façam.

RELIGIÃO

PROVÉRBIOS

- Tem mais Deus para dar do que o diabo para tirar.
- O diabo soube fazer a panela, mas não a tampa.
- Um olho para Deus e outro para o diabo.
- Fê em Deus e pé na tabua.
- Santo de casa não faz milagres.
- Lugar de esperar o padre é na igreja.
- Enquanto o diabo pisca o olho, você faz misérias.

PENSAMENTOS

- Caritério está cheio de gente afoita.
- Por que orgulho se o futuro é a morte.
- Sou cego, surdo e mudo para o mundo.
- A fruta proibida tem melhor sabor.
- A felicidade está dentro de nós mesmos.
- O inferno é aqui mesmo.
- A fé renova montanhas.
- A tristeza é a ferrugem da alma.
- A terra cobrirá teu orgulho.
- Deus não falha. Nós é que falhamos.
- Se a cultura fosse sabedoria, Deus morava na biblioteca.